

Estudos Psíquicos

Revista de Estudos Psíquicos e Neo-espiritualismo Experimental

DIRECTOR, EDITOR E PROPRIETÁRIO — ISIDORO DUARTE SANTOS

ANO 3.º

LISBOA, MARÇO-ABRIL DE 1942

N.º 16

DIVERSÕES DUM CRÍTICO

A-PROPÓSITO DUMA CONFERÊNCIA

por Isidoro Duarte Santos

○ S ideais tiveram sempre propugnadores e opositores. À medida que a picareta desbrava, o abrôlho surge a entrar a sementeira. É a luta entre o bem e o mal, luta de séculos, luta de gigantes, porfiosa e temível, quantas vezes sem quartel e penetrando o âmago das paixões, quantas vezes ardilosa, servindo de esteio ao interesse oculto ou ao egoísmo desembuçado. E uns e outros apelam para forças ignotas, atraíndo pensamentos afins, formando egrégoras adequadas, no sentido de alcançar hegemonias utilitaristas ou de atingir objectivos elevados.

O Espiritismo é o ideal que maiores paixões tem suscitado; e assim como ilumina os justos pela revelação de faculdades latentes no indivíduo, capazes de modificar, integralmente, a personalidade, leva outros à oposição sistemática, inadvertida, — íamos a dizer inconsciente — ...

É natural. Nem podia ser doutro modo, na fase actual da nossa evolução.

O Espiritismo Moderno é uma corrente ideológica que ainda não atingiu o centenário. Está, por assim dizer, no início da sua carreira. Tenteia passos, mede forças,

perscruta horizontes. Ensaia os primeiros vãos e verifica a solidez dos alicerces. A-pesar-disso, já é árvore frondosa, a cuja sombra se acolhem muitas dezenas de milhão de adeptos. E porque o seu fim é estudar os mais transcendentes problemas que preocupam a humanidade, tais como, a origem dos seres e seu destino; porque o seu fim é estudar a pre-existência e a sobrevivência da alma, bem como a comunicação entre os vivos e os chamados mortos, está exposto aos mais rudes e traiçoeiros ataques do materialismo, esse Pantagruel que se abeira das verdadeiras fontes espirituais para as inquinar e destruir, que limita a idéia, dissolve o carácter e afoga o sentimento, cerceando o campo da investigação científica, que deve abarcar tôdas as latitudes do pensamento.

O Espiritismo enfrenta uma sociedade anarquizada, sujeita a tôdas as intempéries. O mesmo se deu com o Cristianismo, nos tempos de Tibério César. Uma e outra corrente tiveram os seus heróis e os seus mártires. Ambas souberam vencer pela fé num poder mais alto, ambas se impuse-

ram pela justiça que se desprendia do seu apostolado.

O Espiritismo, dirige-se principalmente às inteligências e apoia-se em factos que vêm comprovar a verdade da sua doutrina. O Espiritismo faz-nos sentir um novo campo de acção em que vivem e se agitam milhões e milhões de inteligências, trabalhando e agindo em relação com os habitantes da Terra. Se a sua influência no progresso fôsse diminuta, não sofreria ataques como sofre. Não se daria por êle. Mas, assim, não. Agora, o caso muda de figura.

Há anos, o materialismo ria-se e desprezava êste pigmeu quasi imperceptível. Mas êle tomou fôlego, criou alento, imitando a pulga, que faz coçar a orelha ao elefante... E o materialismo já não ri, já não despreza. Que faz êle, então?...

* * *

O refugiado político belga Pierre Goemaere passou a tarde de 20 de Março no Teatro de S. Luiz, arengando ao público sobre um trampolim com a seguinte legenda deveras sugestiva:

«Os mortos voltam? Os fantasmas do Espiritismo desmascarados na tela».

Os jornais falaram no acontecimento. Publicaram anúncios retumbantes, em que o nosso hóspede era guindado à categoria de conferencista internacional e citavam, *una voce*, o seu livro «*Chez les evocateurs des fantômes*», para demonstrar a autenticidade de quem ia «desmascarar na tela» os «fantasmas do Espiritismo».

Se a imprensa elevada e construtiva se destina a orientar a opinião pública acerca das questões que interessam à sociedade; se, para tanto, é necessário estudar, judiciosamente, todos os assuntos, para que se não induza em erro quem procure alargar conhecimentos, desvendando incógnitas, por vezes inacessíveis, a publicidade feita em torno daquela «conferência» deve considerar-se lamentável. Porque os indivíduos que encheram o S. Luiz, ali acorreram fiados na categoria intelectual do reclamado, julgando que iriam assistir a uma conferência. Não tinham os jornais propalado — embora através de anúncios pagos — que Pierre Goemaere se especializara no estudo do Espiritismo, dando a entender que era a pessoa indicada para

reduzir a pó todos os fenómenos mediúnicos?

Por dever de ofício, esportulámos os 12\$50 do bilhete e assistimos ao espectáculo, curiosos de ver como aquêle velho conhecido iria interpretar, em Portugal, um papel que tantas vezes tem desempenhado noutros palcos e noutros países.

Recebido com salvas de palmas, começou a falar sem nervosismo e com certa fluência comunicativa que dispunha bem os ouvintes. Mas a respeito da impugnação dos fenómenos, relativamente aos médiuns citados nos anúncios, nem uma palavra convincente, ou, pelo menos, que calasse no ânimo do auditório.

Limitou-se a «distrair» espectadores ávidos de *coisas sérias* e que, a-final, lamentaram o rico dinheirinho que lhes franqueara o salão em que um elegante palrador discreteara a respeito de *coisas... fúteis*.

Ao contrário do que os jornais haviam anunciado, Pierre Goemaere não analisou nem discutiu teorias metapsíquicas. Gastou muito tempo a saltitar de assunto para assunto, sem nada dizer de importante, fazendo alusões vagas em guisa de facécia e dando-se ares de mentor em questões que, segundo verificámos, ultrapassam os limites da sua competência.

Conhecemos Goemaere e o seu... rico livro. Assim, podemos dizer que tão reclamado aranzel foi a pedra de toque que nos revelou a sua verdadeira «cultura espiritista». E é pena. Goemaere discorre com elegância e devia aproveitar êsse dom natural para servir a Verdade, em vez de a deturpar conscientemente. Seria mais harmónico e impor-se-ia sem esforço algum. Seria mais humano e teria satisfeito a «viva curiosidade» de quem o ouviu, esperando encontrar bases científicas que desmantelassem velhas convicções firmadas em muitos anos de estudo.

* * *

Goemaere falou de vários médiuns e exibiu velhas fotografias, ou, antes, fotografias velhas, cheias de defeitos, para nelas descobrir a fraude mediúnica e expô-la aos seus ouvintes, com ares triunfadores. Não o conseguiu. As suas críticas eram débeis, eram medíocres. Mas, admitindo que descobrisse alguma fraude, pre-

guntamos, com o grande naturalista Paul Gibier:

—¿Que provam as fraudes? ¿A medicina não tem os seus charlatães? ¿A ciência não tem falsos devotos? ¿Os Bancos não têm falsificadores que imitam as suas notas? ¿A imitação dum fenómeno destrói êsse fenómeno?

Nós próprios combatemos a impostura, mas sabemos que a fraude mediúnica é o reverso da verdadeira mediunidade. Lá porque há joio no trigo, nem por isso deixamos de ceifar com alegria.

Pierre Goemaere teve, apenas, um objectivo: dar combate ao Espiritismo, usando processos que lhe são familiares. Criticou Allan Kardec pelo facto dêle ter assinado as suas obras com um pseudónimo e admirou-se de estarem traduzidas em tôdas as línguas. Ora, apreciações dêste género estão abaixo de tôda a discussão. ¿Pois não houve tantos escritores que usaram pseudónimos para subscrever as suas obras? Quem já se lembrou de censurar Máximo Gorki e Pierre Loti, Anatole France e Júlio Diniz, George Sand e M.^{me} de Stäel? E se êle reconhece que em Portugal não há médiuns profissionais, nem indústria organizada para ludibriar incautos, ¿a que veio, então, a sua «conferência»?

Allan Kardec, que aos vinte e dois anos era doutor em medicina, não foi um *Denizard Rivail qualquer*, como Goemaere insinuou. Foi uma individualidade de extraordinária cultura, diplomado por três faculdades e conhecedor profundo de muitos idiomas. Antes de codificar o Espiritismo já tinha escrito vasta obra didáctica, adoptada oficialmente na Universidade de França. Era professor e pensador, tendo-se distinguido como o melhor discípulo e continuador de Pestalozzi, com quem trabalhou durante muito tempo, chegando a substituí-lo algumas vezes.

Depois de expor a seu talante o que entendia por Espiritismo, deu-nos a medida exacta da sua mentalidade. Falou de Stanislava Tomczic, a célebre médium polaca com quem o doutor Julien Ochorowics realizou interessantíssimas e memoráveis experiências, que ficaram para sempre ligadas à obra do sábio de Lemberga. Falou de Eva Carriere, Eusábia Paladino e Helen Duncan, mas fê-lo em termos pejorativos, como quem diz a última

palavra, como quem lavra uma sentença definitiva, destinada ao juízo da História. E nenhuma referência a William Crookes, Charles Richet e Oliver Lodge, grandes lumináres da ciência moderna; nenhuma referência a Zoellner, Aksakof, Lombroso, Imoda, Baraduc e Darget!...

Repetimos: nem um argumento científico, nem uma prova de estudo sério. «Negócio», tudo «negócio», desde o preço dos bilhetes, ao ardid da falácia. Goemaere foi o único que *fraudou*.

* * *

Os argumentos do exilado belga não chegam para beliscar uma doutrina que se dirige ao raciocínio e à inteligência e avança a passos de gigante em tôdas as latitudes. Por isso, êle não atingiu o alvo, embora houvesse, talvez, refeito a bolsa, mercê da inadvertência dos papalvos. Outros de maior cultura a têm atacado, sem lhe causar dano, acabando, quasi sempre, por se renderem à evidência. Podemos, mesmo, afirmar que os seus melhores propagandistas de hoje foram, ontem, os seus mais terríveis adversários.

O Espiritismo escuda-se em nomes eminentes e possui uma copiosa bibliografia. Merece, pois, a atenção dos sábios e das pessoas judiciosas.

William Thompson disse um dia:

—A ciência é obrigada pela lei da honra a encarar de frente e sem receio qualquer problema que lhe apresentem.

Assim é, com efeito. O objectivo da ciência é pesquisar a Verdade, para onde deve caminhar sem receio.

Se Goemaere imitasse os sábios, em vez de cultivar a pantomina, melhor seria a sua posição no mundo literário. As fraudes desmascaram-se com demonstrações conscienciosas. Os problemas resolvem-se com estudo e experiência pessoal. As alegações palavrosas não bastam.

—Tudo isso é pilhéria!—respondem os levianos a quem lhes pergunta se já estudaram Espiritismo.

—Eu não caio nessa!—respondem os imprudentes a quem lhes pergunta se já fizeram experiências psíquicas.

¿Que conceito devemos fazer de tais pessoas, sem autoridade moral e desprovidas de espírito científico?

Felizmente, os Goemaeres, a-pesar-de muitos — tantos, como os tolos — não contam na opposição ao Espiritismo. O público sente-se cada vez mais atraído para os problemas do ser e do destino humano, que tanto preocupam as almas ansiosas e sedentas de redenção espiritual.

Como escreveu Richet, «os sábios deviam estudar o Espiritismo, em vez de fingirem ignorá-lo, pois é necessário que físicos, químicos, fisiologistas e filósofos estejam ao corrente dos factos espiritas. Embora seja preciso um longo e difícil estudo, êle será, indubitavelmente, fecundo».

Lombroso, o sábio criminalista convertido ao Espiritismo por Eusápia Paladino — médium a quem Goemaere também ataca — escreveu na *Lettura*:

— Sou obrigado a reconhecer que os fenómenos espiritas têm enorme importância e que a ciência deve imediatamente estudar essas manifestações.

J. Maxwell, doutor em medicina e esclarecido cientista, escreveu no seu livro «Les Phénomènes Psychiques»:

— O Espiritismo veio na hora própria e corresponde a uma necessidade geral. A extensão desta doutrina é um dos mais curiosos fenómenos da nossa época. Assistimos ao que me parece o nascimento duma religião sem clero, nem ritual, mas com assembleias e práticas. Pela minha parte, sinto o maior interesse por essas reuniões e tenho a impressão de assistir a um movimento religioso de largo e glorioso futuro.

Russel-Wallace declarou também, na sua obra «Miracles and Modern Spiritualism»:

— Eu era tão perfeito materialista, que não encontrava no meu pensamento lugar algum para a concepção duma existência espiritual. Mas os factos são coisas obstinadas... Os factos venceram-me.

O Dr. Hodgson Richard, que, durante muitos anos, fôra adversário encarniçado do Espiritismo, fez a sua profissão de fé nos «Proceedings», em 1897:

— Há doze anos que estudo a mediunidade da senhora Piper. A princípio, só me interessava descobrir a fraude, o embuste. Quando iniciei com ela as minhas experiências, era profundamente materialista e o meu intuito resumia-se em desmascará-la. Hoje, digo, apenas: Acre-

dito!... A demonstração que obtive arrancou-me tôdas as dúvidas.

Isto, no tocante aos sábios e pesquisadores. E para terminar esta pequena resenha de opiniões, juntemos-lhe a do maior prestidigitador dos tempos modernos, Robert Houdin, que trabalhou muitos anos na imitação dos fenómenos mediúnicos, sem conseguir o êxito desejado. Eis o que êle escreveu, em carta dirigida ao Marquês E. de Mirville:

— Vim extremamente maravilhado desta sessão espírita e persuadido de que é inteiramente impossível que o acaso ou a habilidade possam jámais produzir efeitos tão admiráveis. A minha arte de prestidigitador é incapaz de reproduzi-los.

* * *

O sr. Pierre Goemaere citou, também, a opinião dum indivíduo, segundo a qual sessenta por cento da população dos manicómios provinha de espiritas, ou, pelo menos, havia adquirido a psicose em sessões de Espiritismo.

De tôdas as afirmações do exilado belga, esta foi a mais gratuita, a mais descabelada e grotesca. Em que estatísticas se baseou o ilustre autor para dizer tamanha sandice?

Goemaere não insistiu muito no caso, valha a verdade. Lançou a frase à sorte, a ver se a coisa pegava. Entre tantos ouvintes, talvez houvesse dois ou três que acreditassem.

O Espiritismo não produz a loucura, como alguns propalam. O Espiritismo cura a loucura, sobretudo quando é causada pela obsessão de espíritos desencarnados. E mais de setenta por cento dos loucos são vítimas de obsessões. Os restantes trinta por cento são-no em virtude de várias lesões orgânicas motivadas por embriaguês, sífilis ou toximania.

Temos normalizado muitos enfermos vítimas de perturbações mentais julgadas incuráveis por alguns grandes médicos psiquiatras, razão por que falamos com conhecimento de causa, embora sem desprimor para a medicina.

O Dr. Webster, da *Associação Médica Americana, Secção Mental*, declarou:

— Muitos dementes têm sido tomados por loucos incuráveis e que, no entanto, se acham subjugados à acção opressora

dum espírito ou duma falange de espíritos. Muitas vezes temos verificado, *post-mortem*, que nem no cérebro, nem no sistema nervoso de tais pessoas, existia a menor desordem física.

E, por último, vamos arquivar o testemunho dum psiquiatra brasileiro. É o Dr. Inácio Ferreira, redactor-correspondente de *Estudos Psíquicos* em Uberaba e director do Sanatório Espirita daquela cidade:

«Em Uberaba, Estado de Minas Gerais, existe um Sanatório Espirita. Sua construção ficou, pouco mais ou menos, em quinhentos contos de réis. Tem 17 quartos para mulheres, 17 quartos para homens e 10 isolamentos para os doentes mais furiosos. Sim, meus amigos, para os doentes mais furiosos, pois que o hospital é para o internamento de loucos. Talvez não cause admiração a ninguém, pois que é voz corrente que todo o espirita acaba ficando louco e natural, portanto, é que tratam dos seus próprios interesses... Por isso, só loucos poderiam aventar a idéa da construção dum hospital de tamanho vulto, com capacidade para 44 doentes, sendo a média de 35 gratuitos, aos quais o hospital até fornece roupas e medicamentos, sem que, para tanto, conte com auxílios governamentais.

«Emfim, cada louco com a sua mania.

«O hospital foi construído e funciona há cinco anos e por êle já passaram cerca de 1.000 doentes, com a média de cura de 60 %!...

Desde a sua fundação (1933) até o momento presente (1940), isto é, há quasi 7 anos, só foram internados 10 espiritas...

«Será que a loucura tem predisposição para algumas seitas?

«Até agora, repetimos, apenas 10 espiritas ali foram internados, a-pesar do hospital servir uma zona imensa — Minas, S. Paulo, Goiaz, Mato Grosso...»

Estas palavras podem ler-se na obra «Espiritismo e Medicina», da autoria do citado psiquiatra. Da mesma obra, extraímos mais os seguintes parágrafos:

«Nas primeiras páginas fizemos um apêlo aos nossos colegas, lembrando-lhes que um pouco mais de critério na classificação dos doentes internados nos hospícios de loucos, faria descer muito a per-

centagem geralmente atribuída aos espiritas.

«Se de boa vontade êles quizerem dar um passo de gigante na cura dos loucos, procurem estudar essa ciência sublime — o Espiritismo.

«Procurem o auxílio dum médium vi-dente, de médiuns de incorporação e de médiuns curadores. Não façam isso, porém, às cegas. Existem médiuns e existem exploradores.

«Procurem um centro de confiança pelo conceito de que gozem os seus dirigentes e estes lhes fornecerão, gratuitamente, todo o auxílio necessário...

«Organizem uma sessão de doutrinação, cercada de todos os cuidados e vigilância e verão que muitos casos que nos dão trabalhos e cuidados, causando, por vezes, o desânimo, serão curados com relativa facilidade.

«Estamos chegando ao tempo em que teorias e nomes arrevesados nada representam perante os factos.

«Ponham o orgulho de lado. Revistam-se de boa vontade, da argúcia do cientista, do esforço em desbravar o desconhecido, e tentem, com o auxílio de bons médiuns, a cura dalguns doentes.

«Não experimentem um caso apenas, ou mesmo 10, mas 50, 100, se fôr preciso, e verão que a medicina ficaria a marcar passo, enquanto não se preocupasse com o tratamento espiritual.»

Não necessitamos de mais transcrições.

Os leitores, que ajuízem da afirmação de Goemaere e do indivíduo que êle citou. Afirmar, não basta. É preciso que as afirmações estejam escudadas na experiência, na solidez dos factos incontrovertíveis.

* * *

...Eis o que faz o materialismo, perante um pigmeu que tomou fôlego, criou alento, imitando a pulga, que leva o elefante a coçar a orelha...

Procura embrulhar os problemas, em vez de os resolver conscienciosamente. Insinua, deturpa e combate, em vez de estudar, meditar e aprender. Alicia os fraudulentos... para impingir a fraude. Gosta do barulho do escândalo, em vez do silêncio do trabalho.

Ele sabe que um grande movimento se exerce em todo o mundo, objectivando o resgate mental e espiritual da humanidade. Os hermetismos passaram e dêles nada resta, além de vaga lembrança, diluída pelo racionalismo dos novos tempos.

Como disse Jesus, «nada há oculto que não venha a ser conhecido».

Bem sabemos que a teimosia sistemática é o principal refúgio dos comodistas a quem a luz do Espiritismo prejudica. Mesmo que sejam ofuscados por ela, continuam a negá-la a quatro pés, como aquêle matuto da história que Leopoldo Machado nos conta em «Pigmeus contra Gigantes»:

Um matuto, teimoso em extremo, viajava certa noite com o filho e apontou-lhe uma grande mancha branca, à distância, mal se divisando sob a luz do luar.

— Lá está um lago, meu rapaz.

— Aquilo, meu pai, é areia. Conheço-o bem, porque há poucos dias passei por lá.

— É água, estou-lhe dizendo, rapaz.

— É areia, meu pai.

— Não teime comigo, que sei o que estou dizendo. É água. Para lá vamos. Verás.

E para lá se foram. E lá chegaram.

O môço, enchendo as mãos de areia, mostrou ao pai:

— Eu não disse, meu pai, que era areia?

— É água.

— É areia, veja.

E despejou, irreverentemente, a areia pela cabeça abaixo do velho, que, irritado e a limpar-se, protestava:

— Desafortado, que me estás a molhar com esta água fria!

A-pesar dos inúmeros matutos que existem por êsse mundo, e quer queiram, quer não queiram, o Espiritismo é e será a luz do mundo que traz a palavra de vida, consolando os aflitos e dando-lhes a certeza da imortalidade.

Pode a charlatanice arengar às massas, repetindo os ecos das palavras de Goemaere no S. Luiz. A verdade não tem pés e anda. A Verdade acaba sempre por triunfar da insídia e da mentira.

Há vozes que, por mais que grem, não chegam ao céu — como disse, espiritualmente, um estimado confrade.

A de Goemaere, por mais que se esforce, por mais que se amplifique, através de megafones ou de belfas opiladas, nunca passará da... biosfera. Será um sino que tange, mas não ecoa.

"A METAPSÍQUICA E O ESPIRITISMO À LUZ DOS FACTOS"

A parlenga de Goemaere sugeriu-nos a idéia duma conferência, realizada em qualquer cinema de Lisboa, por quem dispusesse da verdadeira autoridade cultural e moral.

Para esta empresa convidámos o nosso estimado colaborador sr. coronel José Augusto Faure da Rosa, que tantos serviços tem prestado ao Ideal Espirita, através de notabilíssimos trabalhos, reveladores de sólidos conhecimentos.

Faure da Rosa desempenhou-se admiravelmente da incumbência, cheia de dificuldades e responsabilidades e vai apresentar o seu trabalho no Cinema Condes, no dia 17 de Maio, às 18 horas.

Os seus ouvintes ficarão sabendo se, na verdade, «os mortos voltam» e se a morte continua a ser o «mistério de Deus», como lhe chamou Goemaere.

Como esta conferência implicará despesas consideráveis, pedimos aos consócios e leitores que façam dela a maior propaganda, acorrendo desde já à bilheteira do Condes, a-fim-de marcar os lugares.

«A Metapsíquica e o Espiritismo à luz dos factos» será acompanhada de projecções luminosas.

Temos a certeza de que êste acontecimento marcará uma época e provará a evidência a necessidade de estudar as ciências psíquicas, tão mal compreendidas pelo grande público.

INFLUÊNCIA DO NATURISMO NO ESPÍRITO

pelo Coronel Faure da Rosa

I

○ Naturismo de que pretendo tratar é o da *vida-natural*, ou, segundo a expressão antiga, a *vida que quer seguir a Natureza*, a vida que quer viver em conformidade com as leis naturais, que o mesmo é dizer com as leis de Deus.

Este objectivo não implica, certamente, que busquemos na ordem exterior a regra da nossa conduta; se assim não fôsse teríamos de pautar o nosso procedimento pelo dos animais inferiores e até pelo das próprias coisas. Obedecemos à lei da ordem física, de-certo; mas obediência subordinada à nossa razão, ao nosso livre-arbítrio sem o qual não haveria, não poderia haver, responsabilidade dos nossos actos.

A fórmula antiga *seguir a natureza, viver em conformidade com a natureza*, é cheia de grandeza e de sabedoria, mas é preciso entendê-la bem.

Procuremos conhecer a nossa estrutura, o móbil dos nossos actos, os motivos da nossa acção e, dentre eles, indaguemos os que mais se coadunam com a nossa finalidade de humanos. O facto de móbil e motivos provirem da natureza, não é razão para que os adoptemos a todos indistintamente, porque, tanto os mais abjectos como os mais nobres, todos eles existem na natureza.

Em síntese, o naturismo que defendo procura manter a saúde do corpo físico e dar-lhe vigor por processos naturais. Ora, como o corpo físico é o instrumento de que o Espírito se serve para exteriorizar o Pensamento, facilmente se compreende a importância da integridade somática para que a exteriorização possa ser cabal e perfeita.

Dizei ao mais exímio violinista que toque, por exemplo, a Sinfonia Incompleta num violino rachado: a-pesar de a música ser soberba e o artista admirável, nem música nem artista

poderão ser compreendidos, porque a execução sôa... a rachado.

A música fala a todos os homens seja qual fôr a raça, a religião ou a posição social. Quanto mais evoluído estiver o espírito, mais clara e expressiva será, para êle, a linguagem da música. Até a alma do selvagem não escapa à sua influência.

Imaginemos que um violinista, artista de raça, de mãos ágeis e firmes, calçou umas luvas leves para tocar o violino. Notamos, imediatamente, que o som não é o mesmo, que a expressão da música afrouxou. Se a este primeiro par de luvas o violinista ajuntar um outro mais espesso, a actuação dos dedos é de tal maneira constrangida que provoca notas falsas. Se calçar ainda outro par de luvas e mais espessas, o violinista de raça sente-se incapaz de tocar seja o que fôr e quem o não tivesse ouvido pensaria, naturalmente, que êle nunca soube tocar, sobretudo quem ignorar que o violinista tem as mãos como que paralizadas.

É o que acontece com o Espírito: cada passo, cada descida na matéria mais densa, mais espessa, — é para êle o que a junção dos pares de luvas, foi para o músico do violino.

Vida natural não quer dizer que regressemos aos tempos primitivos em que o homem vivia nas cavernas, tempos em que as primícias de toda a espécie pertenciam sempre ao mais forte, embora fôsse o mais injusto, o mais violento, o mais cruel. Na verdade, a respeito de violências não podemos dizer que tenhamos avançado grande coisa: a força bruta volta a querer imperar com requintes de ferocidade.

Por *vida natural*, acho eu, devemos entender a vida que nos põe em contacto com a Natureza: banhos de água e de sol;

campismo — compreendendo exercícios, ar puro e nudismo — e alimentação entrofólgica. Banhos de água para manter a permeabilidade da pele; ar puro para beneficiar os pulmões e a própria pele.

Um dos preceitos do Livro da Lei de Manu — um dos livros sagrados da Índia — é o das abluções diárias antes das refeições e a exposição do corpo ao ar e ao sol.

Os banhos de água ajudam a conservar a saúde do corpo e, por isso, devem ser usados com frequência. A transpiração, seja ou não perceptível, arrasta para fora do corpo mais matéria sólida que qualquer outro intermédio.

É por esta razão, certamente, que algumas religiões — a hindú, por exemplo, como já referi — preceituam o uso cotidiano das abluções, que favorecem a saúde e purificam o corpo físico. Pela mesma razão as religiões estabelecem os jejuns: dão ao estômago o repouso de que carece e permitem que o corpo elimine os materiais que já não podem servir e, se não forem muito frequentes nem demasiado prolongados, também favorecem a saúde.

Dizia o dr. Amílcar de Sousa que «o Doutor Sol provoca todos os milagres conducentes ao renascimento orgânico... Tudo se transforma e evoluciona pela acção do Sol, princípio vivificante de todos os seres... Nós homens, sem o seu influxo, não existiríamos um segundo sequer. Somos filhos do Sol».

A força vital do sol que nos envolve no estado de fluido incolor, é absorvida pelo corpo através da sua parte éterica. Espalha-se ao longo dos nervos através de todo o corpo físico. Esta força vital está para o sistema nervoso como a electricidade está para o telégrafo. Se os fios, os aparelhos e os telegrafistas estiverem prontos a funcionar e a corrente eléctrica não faltar, a mensagem pode ser expedida. O Espírito, o cérebro e o sistema nervoso podem estar, aparentemente, em perfeito estado: se a força vital que deve transmitir a mensagem do Espírito aos músculos, por intermédio dos nervos, vier a faltar, o corpo ficará inerte porque o fluido solar deixa de circular. É o que se produz na paralisia.

Quando o individuo está são, o seu corpo etérico assimila um excesso de força vital que, depois de ter passalo pelo corpo físico, radia para a periferia, em todas as direcções, exactamente como os raios dum círculo par-

tindo do centro. A falta de saúde enfraquece o corpo etérico cuja capacidade de assimilação está na razão directa do enfraquecimento. Em todo o individuo malsão há, pois, uma redução de força de expansão. Quando há saúde, o poder considerável das radiações arrasta consigo os germes e os micróbios nocivos; mas em caso de doença, quando a força vital está enfraquecida, as radiações não eliminam tão facilmente os germes patogénicos. Dêste modo, o perigo de contrair uma doença é muito maior num individuo fraco do que num individuo robusto.

Ninguém ignora que a alimentação influi poderosamente no desenvolvimento físico do homem. E como o corpo físico é, como sabemos, o instrumento de que se serve o Espírito para objectivar os seus comandamentos, se dêle não cuidarmos acertadamente, a objectivação será defeituosa e pode até não se produzir.

Há uma máxima que é, ao mesmo tempo, uma grande verdade da Natureza: «dize-me o que comes, dir-te-ei o que tu és».

Todos os carnívoros, quer animais quer hominais, são irritáveis, coléricos, sanguinários.

No reino vegetal também há carnívoros: a drósera e o drosófilo, por exemplo: quando um insecto poisa nas suas fôlhas, estas — ou os seus pêlos — reviram-se e prendem, esmagam o insecto que digere.

Mas o homem é o mais sanguinário de todos os carnívoros: ao passo que os animais, a que chamamos inferiores, só matam para se alimentarem, o homem mata pelo prazer de matar, mata para se divertir... caça.

Diz um escritor que a caça é a maior das crueldades do homem com a criação animal. Em regra, é pelo amor do dinheiro que se matam os animais e que os criam para os matar. Os fanáticos pela caça abatem criaturas sem defesa, só com o fim de satisfazerem a vaidade.

Custa a compreender como pessoas que parecem sensatas e boas, podem, em dado momento, reprimir os seus melhores sentimentos e regressar a uma selvajaria sanguinária para matarem somente pelo desejo de sangue, pelo prazer de destruir.

Não matarás — pregava Jesus. E, entretanto, não há desobediência mais flagrante. É ver as guerras que os homens se fazem constantemente.

O pior de tudo isto é que compelimos os nossos semelhantes a matar: pagamos-lhes

A REENCARNAÇÃO

pelo Dr. Sebastião Elvico Martins

II

A memória dos acontecimentos passados conserva-se armazenada no *eu causal*, com as recordações da vida presente, no perispírito ou subconsciente e ali os encontra a alma quando desencarna.

A prova disso é o sonâmbulo que, submetido à experiência do magnetizador, ao voltar ao estado de vigília, não conserva nenhuma recordação do que disse ou fez.

Isto significa que o corpo somático ou físico é o túmulo do espírito, que dificilmente se pode exhibir se não houver uma causa que force ou modifique, o estado de clausura constrangida em que se encontra.

Além disso, há uma certa razão moral para que o olvido se faça, atendendo às muitas conseqüências que daí adviriam.

Fabian Palasi, o autor espanhol atrás citado, apresenta um caso em que demonstra a necessidade do esquecimento das vidas passadas. Ei-lo:

Um jovem recluso da cadeia de Zaragoza, havia cometido um crime de homicídio. Durante a sua prisão tomou contacto com a doutrina espírita e converteu-se. Antes de sair do cárcere, depois de 8 anos cumpridos, assaltaram-lhe os temores de regressar à sua aldeia, por reacear o *estigma social* que o vulgo ignorante e odioso lhe lançaria, amargando-lhe a vida e impedindo-o de viver na aldeia com sua família.

— «Ay, don Fabian!», lhe dizia o recém-liberto, é muito triste, depois de conhecer uma doutrina tão racional e consoladora, ir viver entre os meus rústicos camponeses, exposto a sofrer as suas injúrias e expôr-me ao seu escárneo, denegrindo a minha reputação! Isso levar-me-á talvez a cometer um novo delito para defender a honra ultrajada.

E acrescentava:

— ¡Se ao sair deste edifício eu pudesse correr um espesso véu, de modo que ninguém se recordasse do meu passado! Quão diferente seria a minha conduta, e quanto mais proveitosa a minha actual existência!

Infelizmente, as coisas sucederam-lhe como previra e por isso decidiu, poucos meses depois de regressar à sua aldeia, embarcar para a Argentina, onde viveu pacificamente como colono de uma granja, muito querido e apreciado por toda a gente.

Este caso é bem eloquente para que ainda tenhamos qualquer dúvida sobre a vantagem do esquecimento das vidas anteriores.

O caso das duas Alexandrinas

Há, todavia, muitas excepções; e tanto Delanne, como Fabian Palasi e muitos outros autores, registam casos que confirmam a lembrança de vidas anteriores.

para que o façam, aproveitando-nos da sua necessidade económica.

Alguns países há onde ainda existe a profissão de carrasco; mas em nenhum falta — excepto nos raros onde ainda não tenha entrado a chamada civilização europeia — em nenhum falta a de magarefe, à qual incumbe abater os animais de maior porte para repasto dos que se dizem civilizados.

E veja-se esta incongruência: mulheres que se crêem bondosas, que se dizem sem coragem para matar um simples galináceo — tal é o dó que sentem pelos *pobres animazinhos!* — acham deliciosas as iguarias

preparadas com os cadáveres dos *pobres animazinhos!* — mulheres que se dizem bondosas, assistem e divertem-se em touradas e lutas de galos, gozam com o sofrimento dos nossos irmãos inferiores. Mulheres que se dizem bondosas, gostam de ver sofrer os próprios homens, assistindo e aplaudindo lutas de *box*, corridas extenuantes de bicicleta, operações que enriquecem os empresários à custa do depauperamento dos actores.

¡E Deus sabe quantos deles terão de se constranger para se adaptarem a tais misteres, únicos que encontraram para ganhar o pão de cada dia! Pobres dos pobres!

Além do caso de Laura Raynaud, descrito pelo Dr. Durville, — já exposto no artigo atrás citado — há o das filhinhas gêmeas do Dr. Samona que, em carta dirigida ao director da revista italiana «Filosofia della Scienza», descreve pormenorizadamente as circunstâncias que precederam a reencarnação da jovem Alexandrina.

Depois de reencarnada, a nova Alexandrina apresentava o mesmo aspecto físico da vida anterior, o que levou seu pai a dizer que ela era uma cópia fiel da primeira Alexandrina.

A-pesar-das críticas publicadas em revistas, tentando pôr em cheque este caso extraordinário, o facto mantém-se e só a teoria palingenésica o explica cabalmente. E Delanne acrescenta:

«Nenhuma dúvida razoável é possível; a identidade das duas Alexandrinas, física e intelectualmente, afirma-se com tal evidência, que creio inútil insistir no assunto. Foi o mesmo sêr que, por duas vezes, veio ao mesmo lar.»

Além destes, há muitos outros casos de avisos antecipados de reencarnação, e os livros espiritas estão pejados dessas descrições.

No livro «Renascimientos» de Fabian Palasi encontrámos uma série de casos análogos e que nós, devido à falta de espaço, somos forçados a omitir agora.

É do conhecimento dos espiritas militantes que a teoria reencarnacionista, a-pesar-da cópia de argumentos aparentemente irrefutáveis e da evidência dos factos, não é aceita, em absoluto, na Inglaterra. E assim, como entre os espíritos se manifesta a mesma variedade de opiniões e crenças que se encontram entre os homens, porque a morte não é um abismo, verificamos que alguns desencarnados, que naquele país se manifestam nas sessões experimentais, encontram dificuldade em explicar a teoria das vidas sucessivas.

É o que constatámos no livro de Artur Findlay «No limiar do etéreo», a pág. 173, quando este investigador, servindo-se do médium Sloan, em Glasgow, numa série de perguntas feitas à entidade comunicante; a respeito do *modus vivendi* dos espíritos no mundo invisível, obteve a seguinte resposta, ao inquirir se reencarnamos na terra:

«É esta uma questão para cuja resposta encontro dificuldades. Não sei de ninguém que o tenha feito. Vim para aqui há muitos

anos e vejo que me rodeiam aquêles que viveram na terra há milhares de anos. É tudo o que posso dizer, porque meus conhecimentos não me permitem dizer mais».

Esta resposta não invalida, porém, os testemunhos irrecusáveis, doutros espíritos que afirmam a existência desta teoria.

Lembremo-nos que a resposta foi dada por um espírito de conhecimentos muito limitados e que, a-pesar-de viver há muitos anos no Outro Lado, não estudou ainda este caso, tão conhecido por muitos outros, que o têm comunicado e confirmado aos encarnados neste planeta.

A reencarnação é uma crença antiquíssima em todo o oriente. Annie Besant, a conhecida escritora teósofa, no seu livro «A Reencarnação» escreve as seguintes linhas, no capítulo das provas desta hipótese explicativa:

«A-pesar-de, para mim, não haver a mais pequena dúvida de que a existência da Reencarnação é um facto de Natureza, limito-me a apresentá-la aqui como uma hipótese racional, e não como um teorema demonstrado; pois escrevo para aquêles que procuram a evidência nos actos da vida e da história humana. Os que sabem que é uma verdade, não necessitam doutros argumentos».

De facto, se milhares de casos são positivos, não os devemos aceitar, a-pesar-de um ou outro ser negativo? As excepções à regra anulam, proventura, os factos axiomáticos demonstrados por essa regra? Cremos que não, e por isso a crença nas vidas sucessivas tornou-se uma verdade incontestável, tal a abundância de investigações plenamente comprovadas.

¿Como se explicaria a existência dum Platão? dum Dante? dum Bruno? dum Shakespeare? dum Newton? dum Camões? ¿Donde vieram êles, êsses génios que assombraram a humanidade?

O dogma do pecado original é impotente

É ainda a pluralidade das existências que nos explica as desigualdades sociais e as injustiças, de que tantos se queixam. É ela que nos diz o motivo por que existem enfermidades espantosas: achacosos de nascimento, cegos, côxos, corcundas, surdos-mudos, cretinos, idiotas, dementes, cancerosos sofrendo misérias horríveis e pobreza extrema; ao lado dos felizes, instalados na vida, dos

que gozam uma saúde de ferro ou as benesses da riqueza.

Para uns uma sorte constante a bafejá-los durante uma vida despreocupada e otimista; para outros a luta incessante contra o destino despótico e aparentemente deshumano, a ponto de se descrever na bondade e na onisciência de Deus.

As lutas fratricidas, quer sociais, quer religiosas que a história registou são-nos agora explicadas pela teoria palingenésica.

O ódio do proletário ao patrão, do pobre ao rico, do inferior ao superior, desaparece da face da terra quando esta doutrina sublime estiver vulgarizada e compreendida por todos os homens que se sentem vítimas do arbítrio e da iniquidade.

Só a hipótese da pluralidade das vidas e o Karma lhes poderão demonstrar a justiça imanente que preside às desigualdades que se notam nas sociedades civilizadas.

Daqui se infere, bem compreendida a reencarnação, que o rico deve minorar o sofrimento do pobre e não ser indiferente às vicissitudes alheias ou cultivar o egoísmo, escalacho do coração humano.

O dogma do pecado original não explica nada, porque a ortodoxia religiosa só admite a teoria da vida única, e impõe um castigo igual para todos os homens, como responsáveis pelo pecado de Adão.

Sem a preexistência ou crença nas vidas anteriores não se compreende o que é o homem, donde vem e para onde vai. Pelo contrário, adoptando a doutrina dos renascimentos, tudo se explica maravilhosamente e o pecado original torna-se claro, pois demonstra apenas que é o resultado das faltas pessoais de um passado, que o encarnado tem de redimir na presente ou futura existência planetária.

É assim que podem compreender-se as palavras de Jesus ao paralítico de Cafarnaum: «Filho, tem confiança, perdoados te são os teus pecados» (Mateus, IX, 3.) E mais elucidativa ainda, como consequência da lei de causa e efeito, é a pergunta que os discípulos de Jesus lhe fazem em presença do que nasceu cego: «Mestre, ¿que pecado fez êle, ou fizeram seus pais, para nascer cego?» (João, IX, 2.) E a resposta de Jesus é clara, quando interpretada em espírito: «— Nem foi pecado que êle fizesse, nem seus pais, mas foi para se manifestarem nêle as obras de Deus».

Daqui se deduz que a doutrina do pecado

original, para justificar a origem do mal é absurda e tirana. Os pecados dos pais não podem recair sobre os filhos, logo as crianças nascem inocentes.

Além disso, a ciência já demonstrou que o relato bíblico sobre a suposta falta de Adão é um mito. A sua existência é fixada no ano 6.000 antes de Cristo, quando a-final os estudos paleontológicos demonstram que já existiam seres humanos há mais de 200.000 anos. Estes preadamitas, numerosíssimos no tempo de Adão, estão implicitamente ilibados das faltas posteriores ao seu nascimento. E o autor espanhol, que estamos seguindo, afirma com certa lógica: «Se se admitir o pecado adamita como original, nem os preadamitas nem os seus descendentes têm qualquer mancha a lavar no baptismo. Porém, dada a antiguidade dos preadamitas e a sua multiplicação, é quasi certo que nós, a maioria dos seus descendentes, descendemos dêles e não do suposto Adão hebraico.»

Mas para destruir a lógica ortodoxa não são necessários argumentos tão convincentes; basta-nos o estudo da História Universal, onde se verifica a existência de civilizações florescentes na época em que o «Gênesis» diz que Jeová criou o primeiro homem à sua imagem, de quem nos querem fazer descendentes.

Amicus Plato, sed magis amica veritas

Não obstante a demonstração positiva da teoria reencarnacionista, ela ainda tem muitos detractores, quer no sector religioso, quer no materialista. Os espiritas encontram-se sós no seu reduto, cercados pelos ardorosos combatentes das falanges infensas. Os ataques dos seus inimigos são por vezes furiosos e persistentes, mas o reduto mantém-se incólume e cada vez mais fortalecido pela força indestrutível da sua lógica e da sua razão. Às vezes, alguns dos seus inimigos, convencidos dos seus esforços infrutíferos, após mea culpa, rendem-se com armas e bagagens, e decidem engrossá-lo.

É assim que a bola de neve se transformará em avalanche. A verdade não necessita de sofismas nem argumentos capciosos para se impor. Impõe-se naturalmente como a luz do Sol que nos ilumina e aquece.

O Dr. Gustavo Geley, director do Instituto Metapsíquico Internacional de Paris, afirma que a filosofia palingenésica nos dá

a chave de uma multidão de enigmas de ordem psicológica, como por exemplo o talento e o gênio inatos; as desigualdades psíquicas consideráveis entre pais e filhos, entre irmãos, entre dois gêmeos até, nascidos e criados nas mesmas condições e ambiente moral e especialmente a diferença capital entre a hereditariedade física e psíquica, já tratada acima.

E depois, perante a incapacidade da ciência oficial em resolver estes problemas, pergunta:

«Quais são as explicações que a psicologia clássica tentou dar a estes enigmas? Explicações derisórias, reduzidas a meias hipóteses sem começo de demonstração. Ela invocou variações, declaradas imperceptíveis e inapreciáveis, do tecido cerebral; cousas inconcebíveis; influências diversas, patológicas e outras durante a vida intra-uterina; condições ignoradas do geramento ou da hereditariedade; formações genealógicas complicadas, etc., etc. Em suma, nada de preciso, nada de positivo. Inteiro fracasso da biologia clássica».

Compare-se agora como a teoria das vidas sucessivas resolve estes problemas insolúveis, e ver-se-á como tudo é claro, simples e natural, como tudo quanto nos inspira a sabedoria e misericórdia divinas...

Razão tinha Platão com as suas idéias inatas, a-pesar-de contraditadas pelos filósofos peripatéticos da Idade Média e por Locke, que lhe opôs a célebre tábua rasa.

Platão, discípulo continuador da filosofia socrática, foi um formidável continuador e pesquisador da moral perfeita. A Natureza, para ele, era um livro constantemente aberto, e onde lia os segredos do eterno.

Moralista rígido, a influência das suas idéias foi tão grande, que o seu nome se repercute ainda hoje com intensidade. Os seus discípulos deturparam-lhas, mas os doutores da Igreja, servindo-se delas para a defesa e propaganda do cristianismo, deram-lhes alento, vigor e beleza. Por isso Platão é o mais discutido de toda a plêiade de filósofos que Atenas alimentou em seu seio.

A sua célebre frase *amicus Plato, sed magis amica veritas*, como homenagem à verdade, acima da autoridade dum nome respeitável, pode aplicar-se ao Espiritismo. Esta ciência impõe-se dia a dia pela obra que realiza e pela proficiência dos seus adeptos, mas acima da idéia que ele representa está a Verdade dos factos que se impõe a todos,

e que mais tarde ou mais cedo serão aceitos por gregos e troianos.

É também ainda de Platão a expressão *aprender é recordar* e essa afirmação é verdadeira. Mesmo na nossa presente existência estamos sempre a esquecer e a recordar factos e conhecimentos úteis às nossas profissões. Não nos é possível ter tudo presente na memória do que já aprendemos. Às vezes chegamos a esquecer por completo o que estudámos na juventude. Se, porém, retomarmos os livros de que então nos servimos, ficamos maravilhados com a facilidade com que compreendemos e fixamos esses conhecimentos ocultos no vasto arquivo do subconsciente.

Este facto que todos nós pessoalmente podemos comprovar, demonstra o papel do perispírito como impulsionador da *idéia directora* de que fala Claude Bernard ao referir-se à harmonia e disciplina de todos os elementos anatómicos do embrião quando ele envolve e se transforma nos organismos dos seres vivos.

É pois pelo princípio renovador do perispírito que nós, a-pesar-de materialmente estarmos sempre a reencarnar, devido à constante substituição das células por causa das funções de nutrição do corpo físico, mantemos o nosso tipo definido e a nossa individualidade característica, que nos torna inconfundíveis, como nos mostra a dactiloscopia, empregada nos arquivos de identificação.

É esse corpo espiritual que arquiva todos os factos e sensações da nossa vida e que, no momento ou após a morte física os faz desfilar na sua tela maravilhosa. É o que Bozzano chama, com certa propriedade, a nossa *visão panorâmica*.

De tudo isto se conclui a importância que tem para nós o estudo do perispírito para compreendermos o mecanismo das materializações e reencarnações.

É ele que possui a faculdade, após a morte, de se materializar, e de reconstituir, integralmente, o organismo físico que no planeta possuiu. Segundo Delanne, os seres materializados não são desdobramentos do médium, como pretendem alguns dos nossos opositores, pela simples razão de que o médium, acordado, conversa com eles como Florence Cook falava com Katie King. Logo o conhecimento do perispírito é o fecho de toda a explicação das vidas sucessivas. Cada nascimento significa um antigo espírito que

ESPIRITUALISMO

(ALMA ESPIRITUAL)

por Léo

Creio eu que ser espiritualista é ter a alma espiritualizada, atraída para o Alto, para tudo que de lá nos atinge e que ela, recebendo e compreendendo, transmite à nossa personalidade. Ser espiritualista será pôr acima de todas as paixões animais, de todos os prazeres do Mundo e de todos os interesses materiais, como de todas as nossas conveniências por mais solícitas que se apresentem as necessidades, o nosso amor a Deus, o respeito e a ternura pelas divindades, a ansiedade de atingir o espírito divino, de comunicar com a essência purificada, e dêsse privilégio fazer a principal razão da sua vida. Só isto será, de facto, espiritualismo, que quer dizer: o espírito dominando a matéria.

Creio que haverá muito candidato a espiritualista; estou porém convencida de que serão poucos aqueles que de verdade se podem designar assim. Ser espiritualista é ter já dado os primeiros passos sobre a Estrada do Bem, aquela que conduz a Deus, o que só se consegue depois de ter galgado todos os rochedos, saltado e vencido todos os precipícios; o caminho todavia é ainda difícil, porque para o percorrer é necessário um longo e paciente esforço. Dar-nos-á porém a consoladora certeza de que para além da vida que nós conhecemos existe uma outra, de que apenas teremos pressentido os efeitos. É tão difícil chegar a êsse estado de desenvolvi-

reencarna para colher os frutos do bem ou do mal que praticou em vidas pretéritas.

Se ainda houvesse dúvidas da existência do perispírito, as moldagens, as impressões digitais, as marcas de mão de fogo e sobretudo a fotografia excluiria de vez essas dúvidas. A fotografia, especialmente, não pode estar sujeita às alucinações colectivas, como último argumento dos anti-espiritas. Pelo exposto, se pode calcular a importância e o papel que o perispírito desempenha na reencarnação, objectivo dêste artigo.

Era pelo estudo das funções e propriedades do perispírito que Maeterlink devia ter começado, para que as conclusões a que chegou a respeito da reencarnação não estivessem erradas e o satisfizessem por completo.

mento espiritual que entre nós um apenas é conhecido, e êsse popularmente: o Padre Cruz. E vejamos com que affecto o próprio povo o trata, o respeito carinhoso que a sua personalidade inspira através da sua simplicidade. É uma qualidade que se impõe, só por si. A sua pureza, a sua sublimidade, não precisa de grandezas, nem de reclamos ou hipérboles, — nem admite confusões.

Cristãos de todas as «nuances», ou de qualquer outra religião ou crença que sejam — todos poderão ser espiritualistas. Entre todas, porém, a crença Espirita — temos que o confessar — é aquela cuja direcção espiritual tem mais lógica e mais beleza. É a religião nova, harmonizada com as leis científicas, adaptada a todos os velhos e novos conhecimentos; tem para os nossos sentidos a atracção do que se revela com clareza e com lógica. Além de ter, facilitada, a ciência experimental, que constitui a sua maior força. É a religião dêste século. Mas como sempre, quando se trata do espírito, no seu círculo hermética e fortemente fechado apenas os iniciados conseguirão, a pouco e pouco, ir captando as grandes provas reveladoras; essa mesma dificuldade que através de todas as crenças somente pode ser vencida pela força irresistível duma fé pura.

Negar a possibilidade de chamarmos a nós os espíritos, é negar a religião católica, que nos afirma que pela oração conseguiremos atrair o espírito do Cristo, da Virgem e dos Santos. E se todos êles foram habitantes da Terra como nós, porque razão não poderemos, pelo mesmo processo, invocando-o, fazer aproximar qualquer outro espírito? Porque a sua situação não é igualmente elevada? De-certo que não; mas isso não os impedirá de serem constituídos da mesma essência fluidica e de pelo mesmo processo receberem a nossa influência. Essa aproximação será menos favorável, poderá mesmo ser prejudicial? É naturalíssimo que assim seja, e por certo que aí está o mal que pode advir das comunicações provocadas por aqueles que não estando preparados, não estarão em condições de as receber.

Ser espiritualista é crer no poder espiritual

dominante e, portanto, dêle tudo esperar e tudo tentar pelo seu desenvolvimento e não, pelo contrário, virar-lhe costas, à espera que a morte — que pertence a Deus, certamente, como a vida, como tudo que existe — no-lo venha revelar. Êsse, se teimam em chamar-lhe assim, é um espiritualismo de tendências antiquadas, sem aspirações e sem beleza, um espiritualismo de roupão, chinelos, e barrete de dormir. Já não pode agradar senão la burgueses comodistas.

Se todos aquêles que chamam a si a responsabilidade da sua crença, tomassem também sobre si o dever de se examinarem, escutando a sua consciência com atenção, e atendessem cuidadosamente às sugestões recebidas, aos pequenos e grandes acontecimentos por vezes inexplicáveis, a tudo que em volta de si se passe e em sua volta sintam ou pressintam sem poderem explicar, não lhes seria difícil chegar à convicção — falo duma observação inteligente, desanuviada e ponderada — de que negar a acção de forças psíquicas consciente e inteligentemente dirigidas, é uma prova de ignorância, de imbecil snobismo ou de caprichoso despotismo.

Quando Jesus se transfigurou na presença dos três apóstolos escolhidos, tomando o corpo astral — «o seu rosto ficou resplandecente como o sol e os seus vestidos fizeram-se brancos como a neve», diz a Bíblia — e permitiu que êles assistissem à sua comunicação com Moisés e Elias, provou aos homens, mais uma vez, que os espíritos descem à Terra por sua livre vontade ou atraídos pela nossa. Êste facto, como muitos outros, absolutamente espirita, e que nenhum espiritualista negará, provam que os que se foram podem comunicar connosco por sua iniciativa ou chamados por nós, se as circunstâncias o permitirem. Tudo dependerá de certos factores.

Eu não me dirijo àquêles que se contentam com o que lhes ensinaram em pequenos, sem interesse de compreenderem; dirijo-me aos que, sentindo a necessidade de se explicarem a si próprios e ambicionando conhecer o que de mais alto nos domina, tenham a ansiedade de encontrar o seu Deus para melhor o amarem; a êsses, eu aconselho que em todos os momentos difíceis ou indecisos da sua vida chamem por Jesus, chamem pela Virgem Maria, ou por qualquer santo da sua devoção, mas não o façam apenas com palavras saídas dos lábios, chamem-nos com um desejo ardente, saído do coração. E afirmo-lhes que êsse apêlo, formulado nestas condições, será

sempre atendido. Certamente, quando não se trate de exigências egoístas ou de sentimentos menos louváveis. Habituem-se a recorrer a essa força, apelando para Êles, para a Sua misericórdia, e pouco a pouco o vosso espírito se irá afazendo ao contacto com as divindades, que o irão melhorando, adoçando, e insensivelmente acabareis por reconhecer que a vossa alma, purificada, aliviada, como todo o vosso ser, se terá modificado; e não ficará um só de entre os que nestas condições se encontrem, que passado certo tempo, — segundo as suas aptidões — duvide da intervenção divina junto de si, duvide da comunicação dos espíritos.

Deixemos a matéria aos materialistas, que com ela se satisfazem. A nós, a quem essa matéria indiferente e muda nada revela, só nos resta investigar o espírito, pois é nêle que reside a ciência que nos guiará, neste mundo como no Além. Persiste-se todavia em procurar desfazer no espírito do público civilizado a revolução que o Espiritismo provocou com as suas manifestações científicas, não facilmente, mas possivelmente demonstráveis. Nessa intenção o Senhor Pierre Goemaere fez há pouco a sua conferência sobre «soi-disant» Espiritismo. Desconhecendo completamente o assunto, teve porém a gentileza de com a sua facilidade de expressão, a sua graça muito à francesa, fazer rir os novos. E teve o espírito de nos preparar, a nós, os mais velhos e conhecedores da matéria, o seu «truc». Com um título chamariz, chamou-nos a si o Senhor Goemaere, que lhe enchamos o teatro — para não nos dizer absolutamente nada. Intitulando-se espiritalista, esperávamos que depois de ter apontado as fraudes de certos médiuns, o que é sobejamente sabido, o conferente nos revelasse os seus conhecimentos. Afinal, acusando médiuns de qualidades incontestáveis, como a Paladino, a quem homens de alta intelectualidade e alta categoria científica com tanto interesse estudaram, controlaram, examinaram e aceitaram, Pierre Goemaere limitou-se a fazer como os médiuns vulgares e sem categoria: fraudou.

Mas nós, portugueses, recebemos sempre amavelmente os nossos hóspedes. E êste, que não é um espiritualista mas um espirituoso, tem o seu país invadido e é um refugiado de guerra. Por isso, o nosso espírito admirou-se; a nossa inteligência repontou; o nosso saber, irritou-se; mas o nosso coração perdoou-lhe, Senhor Goemaere.

O EVANGELHO DO CRISTO

por Fernando da Cruz Ferreira

III

Disse S. Paulo: «Rogo-vos pois irmãos que apresenteis os vossos corpos como um sacrifício vivo, santo e agradável a Deus», pois em tal importa o culto racional».

Disse Jesus:

«Aquêlê que quizer salvar a sua vida, perdê-la-á; e o que quizer perder a sua vida por minha causa, achá-la-á. ¿Pois que aproveitará ao homem ganhar o mundo inteiro, mas perder a sua vida ou causar dano a si mesmo? ¿Ou o que dará o homem em troca da sua vida?»

Tudo progride. A evolução se confirma tanto na ordem material como na espiritual. Outrora a humanidade pretendia ser agradável a Deus, oferecendo-lhe vítimas, animais incinerados em altares de pedra especialmente preparados para tal fim.

Imolavam-se continuamente novilhos, vitélas, bodes, cordeiros, rôlas, conforme a natureza dos pecados a resgatar, ou segundo outra ordem de motivos que determinava as ofertas. Nos dias festivos multiplicava-se assombrosamente o número de vítimas sacrificadas ao culto divino.

Mais tarde, Jesus foi apresentado como a hóstia imaculada e pura que espontaneamente se ofereceu para ser imolada em propiciação dos pecados do mundo. Deixou portanto de prevalecer dali em diante a necessidade de novos e repetidos sacrifícios.

Hoje, o Espírito Santo nos vem advertir que os holocaustos não fôram extintos, mas transformados.

Deixaram de ser materiais como nas primitivas eras do mosaísmo, porém espiritualizados agora, continuam em pleno vigor e são de absoluta necessidade para a nossa salvação.

Os altares de pedra fôram substituídos pelos nossos corações. As vítimas que aí devem ser imoladas, sem interrupção, são as nossas paixões rasteiras, os nossos vícios, as

volições e arrastamentos da nossa natureza inferior.

Nossos corações convertidos em braseiros de amor ardente devem consumir o nosso orgulho, o nosso egoísmo, a nossa hipocrisia, as nossas vaidades, as nossas ambições ilegítimas, a nossa luxúria, para que, assim purificados, nos elevemos aos páramos de Luz, aos tabernáculos eternos, onde nos esperam aquêles que já se depuraram neste mesmo altar de redenção.

Outra espécie de sacrifício, que se pretenda render a Deus, será rejeitado, nenhum aproveitamento trará para a obra da salvação.

Um só culto racional existe: apresentar-mo-nos a nós mesmos como um sacrifício vivo, escoimados de impurezas e maldades.

Tudo o mais é vão e, como tal, inútil.

* * *

Tendo os fariseus perguntado a Jesus quando viria o Reino de Deus, êle respondeu: «o Reino de Deus não vem com mostras exteriores. Por isso ninguém poderá dizer: eil-o aqui ou eil-o acolá, pois o reino de Deus está dentro de vós». Concluo da resposta do Mestre, que o Reino de Deus está em nós próprios.

Não obstante, é Êle mesmo que assim nos adverte: «buscai em primeiro lugar o Reino de Deus e a Sua Justiça; tudo o mais nos será dado por acréscimo».

Como? ¿Buscar aquilo que está em nós? ¿depende dessa pesquisa todo o nosso bem?

A explicação nos é dada pela seguinte parábola: «o Reino de Deus é semelhante a um tesouro oculto no campo, que foi encontrado por um homem, o qual, movido de grande gozo, foi vender tudo o que possuía e adquiriu aquêlê campo».

Agora já podemos entender: o Reino de Deus está no nosso espírito, porém oculto e ignorado.

Possuirmos e ignorarmos que possuímos, equivale a não possuir. Termos e não saber-

mos que temos é como se não tivéssemos. Dai a necessidade de o procurar. E, pelo dizer da semelhança, é de inestimável valor esse tesouro ou Reino de Deus.

Tanto assim, que todo aquê que o descobre, o coloca imediatamente acima de tudo o mais.

Esta afirmativa é corroborada por outra parábola: «o Reino de Deus é semelhante a um negociante de pérolas que, encontrando uma de subido valor, foi vender tudo o que possuía e a comprou.

Já sabemos alguma coisa de importante sobre o caso. Mas, o que será, a-final, o Reino de Deus e que idéia devemos fazer dêsse tesouro oculto no nosso Espírito?

O Reino de Deus é o conjunto de inergias e faculdades que jazem latentes na nossa alma. É o Reino da vida, da imortalidade e do poder, do qual só nos apercebemos depois de começarmos a sentir em nós as vibrações da vida espiritual, cuja actividade se manifesta através do Amor e da Justiça, empolgando o nosso ser.

Que é, de facto o reino da força que tudo vence, não-lo confirma este outro apólogo:

«O reino de Deus é semelhante a uma semente de mostarda, que um homem semeiou no seu campo. A qual semente é, na verdade, a menor de todas; depois, porém, de haver crescido, torna-se a maior das hortaliças, e se faz árvore frondosa em cujos ramos vêm fazer seus ninhos as aves do Céu».

É assim que o Mestre Divino revela a incomparável energia de acção e de expansão que se oculta no Reino de Deus.

E que essa acção se verifica através do sentimento da Justiça, sabemo-lo por esta admoestação do Senhor: «se a vossa justiça não fôr superior à dos fariseus e dos escribas, não possuireis o Reino de Deus».

O roteiro, portanto, que conduz ao tesouro oculto, é um só: o cumprimento do dever, a prática do Bem, a conduta recta.

Em virtude das formalidades necessárias exigidas pela conferência a realizar no Cinema Condes, tivemos que atrasar a saída dêste número, do que pedimos desculpa aos leitores.

UMA CONFERÊNCIA

pelo Coronel Faure da Rosa

VIM desiludido da propalada conferência que o sr. Pierre Goemaere — «escritor e jornalista belga, conferencista de raça» — fez no teatro de S. Luiz, na passada sexta-feira 19 de Março, sobre este assunto palpitante: «Les Morts reviennent-ils?»

Esperava argumentação potente, cerrada, prodigiosa, até, que destruísse ou invalidasse as inúmeras experiências levadas a cabo, nas mais rigorosas condições de contrôlo, algumas delas com aparelhagem especial, por homens como Crookes, Richet, Osty, Oliver Lodge, Myers, William James, Crawford...

Mas, nada disto. O «conferencista de raça» limitou-se a tomar atitudes zombeteiras de imitador cómico e a apresentar amostras risíveis de pseudo-sessões espiritas, com o único objectivo de divertir a assistência. E deve tê-lo conseguido, em parte, ao que parece, a avaliar pelo parco riso da plateia que, a espaços, se ouvia, raramente contagiado aos balcões e camarotes.

Conhecedor do poder do ridículo, o sr. Pierre Goemaere soube tirar partido da galhofa com que expôs certos casos espiritas, cuja embustice era autenticada com a sua autoridade.

É sempre possível descobrir facetas cómicas no que quer que seja, mesmo nas maiores tragédias da vida: depende do valor histriónico do comediante. Ora, o sr. Goemaere tem, realmente, qualidades...

As fotografias que fez projectar no «écran» são velhas e relhas. Uma delas representa a médium polaca Stanisława Popielska apanhada a fraudar em uma sessão experimental, fotografia obtida por meio de dispositivos mecânicos especiais adoptados por experimentadores do Laboratório do Instituto Metapsíquico Internacional de Paris, e que revistas da especialidade e vulgares publicaram, entre elas a «Revista de Espiritismo» (n.º 3 de 1932, pág. 122) e o *Je sais tout* de Junho do mesmo ano.

O «conferencista de raça», porém, esqueceu-se de aludir à origem desta fotografia e que a fraude foi denunciada pelos próprios metapsiquistas.

Nem a Metapsíquica nem o Espiritismo jámais ocultaram que há simulações mais ou menos hábeis, mais ou menos grosseiras dos fenómenos espiritóides e supranormais. Tanto metapsiquistas, como espiritistas, têm interesse em desmascarar os médiuns fraudulentos que — nunca é demais repeti-lo — o podem ser conscientemente, é certo, mas que, muitas vezes, o são inconscientemente, actuados por espíritos inferiores desencarnados, os quais se comunicam com mais facilidade, apegados como estão aos hábitos e

costumes que tiveram na Terra. Assim, o sr. Goemaere ainda do Além há-de procurar, e, com certeza, encontrará, a afinidade apropriada para continuar na Terra as suas conferências humorísticas de maledicência espírita.

As outras fotografias são anódinas, não provam nem deixam de provar embustes: tanto podem servir para documentar factos espiritóides, como para demonstrar a sua simulação; tudo depende dos comentários de que as fizerem acompanhar. O sr. Goemaere, está clano, conforme a sua orientação, utilizou-as como documentação de fraudes.

Em duas horas, se tanto, o «conferencista de raça» reduziu a terra, pó, cinza, nada... tóda a metapsíquica experimental e tóda a fenomenologia espírita tratadas em centenas de volumes por sábios, cientistas, estudiosos vários, e escritos em quási tódas as línguas do mundo em dezenas de anos de trabalhos aturados. Portentoso homem, este «conferencista de raça»!

A casa do S. Luiz, cheia como estava, deve ter produzido um rendimento de contentar o «conferencista de raça», emigrado político belga, que, como todos nós, precisa de ganhar a vida.

Há cerca de dezóito anos — em 1924 — o belga Henrique Fernando Marcelo Dulier, artista lírico — patricio, portanto, do sr. Goemaere — desgostoso com a sua profissão que o não libertava da pobreza, resolveu decorar-se com o nome de Allan Kardec (1) e transformar a mulher e a filha em médiuns.

Em 1924 o Dulier-Kardec fez distribuir profusamente, pelas várias terras de França, por onde andou, um prospecto-programa, em que se atribuía as mais extraordinárias faculdades mediúnicas, além de experimentador celebrado pelas principais faculdades de medicina europeias. Nestas circunstâncias, convidava o público a assistir à «representação de gala pelo célebre médium e sugestionador dr. Kardec, doutor em medicina, ex-major médico do exército francês e neto de Allan Kardec»...

Mas os espectáculos não tiveram o resultado que o Dulier esperava. Os cépticos são numerosos e o ilusionismo é difícil.

As salas tiveram pouca frequência. Os próprios espíritas desertaram, irritados com a usurpação dum nome que lhes é querido.

Furioso, o Dulier organizou coisa melhor. Mudou o registo à arenga. Ia apresentar a mesma espécie de fenómenos, mas em vez de afirmar que eram verdadeiros, dizia-os falsos:

— *Vêde o que os espíritos tomaram como manifestações do Além! O meu médium é um médium falso, como, de resto, todos os médiuns o são. Todos aqueles que se servem de médiuns, fazem o mesmo*

que eu. A única diferença é que eu revelo os meus truques e eles não.

A verdade acêrca do Espiritismo! Como eles mentem!

Público! Ajudai a obra de salubridade moral empreendida pelo célebre orador Kardec com todos os meios ao vosso alcance, principalmente assistindo em massa a estas sessões.

No assistir é que estava o busilis, porque a entrada era paga: *payez à la caisse.*

Com grande satisfação do comediante Dulier-Kardec, as salas encheram-se. A procura de bilhetes foi tal que o Dulier teve de repetir algumas sessões. Estava, pois, feita a prova: o público pelava-se por coisas destas.

Na verdade, o prospecto-reclamo do sr. Pierre Goemaere não teve as proporções espantosas do seu patricio Dulier-Kardec. Nada que se parecesse. Os anúncios são caros, a vida está difícil e a grande imprensa, que regateia sempre o espaço disponível, limitou-se a chamar-lhe «ilustre», «conferencista de raça» e a considerar «sensacional» o seu livro «*Chez les Évocateurs de Fantômes*».

Se, como o Dulier-Kardec, o sr. Goemaere tivesse anunciado uma conferência demonstrativa de fenómenos espiritóides, como, por exemplo, a imortalidade da alma, a sobrevivência da personalidade e a possibilidade de os viventes da Terra comunicarem com os viventes do Além, o S. Luiz teria ficado às moscas ou, quando muito, teria assistência tão deminuta que o rendimento mal chegaria para os encargos.

O sr. Goemaere bem sabe que a maledicência, demais a mais jocosa, é guloseima que tódas as multidões gostam de saborear.

(1) Nos prospectos-programas usava, apenas, as iniciais A. K.

NÃO TEMAIS A MORTE

Lares amigos, ricos e pobres, orgulhosos e humildes, visitados pela morte e que viveis mergulhados na dor e na desesperança de jámais poder abraçar de novo os vossos entes queridos, não desesperéis. Não deixeis que as vossas lágrimas e os vossos tormentos testemunhem a dor dos vossos corações, que sangram junto das sepulturas.

Não permitais que as vossas revoltas e os vossos lamentos confranjam, mais ainda, o coração bondoso do meigo Nazareno. Isso será prova de que ainda não confiais na grandeza, na justiça e na sabedoria divina.

Dr. Inácio Ferreira

PELA VITÓRIA DO ESPÍRITO

pelo Dr. Fred

VI

Acabemos, primeiramente, a descrição da formação da Terra, que sofreu outra grande mudança devido ao dilúvio: grandes montanhas (México, etc.) se levantaram e fizeram sair as águas dos seus leitos, invadindo tudo, criando novos depósitos, arrancando e arrastando rochedos graníticos inteiros, chamados depois blocos erráticos.

¿Explicar-se-á, assim, o desaparecimento completo da Atlântida? ¿Teria ela existido? É natural, visto que nos Açores, na Madeira, em Cabo Verde e nas Canárias se encontra flora e fauna do continente africano; e a costa oriental americana adapta-se perfeitamente à oriental africana; além disso, as sondagens feitas quasi confirmam a sua existência.

Na época glacial, o gelo só cobria parte da Terra, onde os grandes glaciares se começaram a espraizar, devido aos levantamentos orográficos das grandes montanhas: pulsações do sopé das serras fizeram-nas perder o seu equilíbrio isostático, de forma que subiram de altura, aumentando a percentagem de neve nos seus cumes e diminuindo no sopé (também devido ao abaixamento da temperatura).

O aparecimento do Homem

Como nesta era os polos terrestres se cobriam de gelo, por motivo da descida súbita da temperatura, que surpreendeu os seres sem lhes dar possibilidade de fuga, devia ter havido uma causa grave que produzisse tão violentas mudanças. Restabelecido o repouso e a normalidade na terra, brilhando de novo o Sol, reaparecendo a flora, também voltaram os animais. Mencionamos nesta era os depósitos de lodo, turfa, argilas e cascalhos. Predominam os mamíferos: mamute, elefante, urso, rena, rinoceronte, rangifer, veado gigante, almíscar, etc. e — nascido entre dois períodos glaciares — o homem. Segundo a Bíblia, este existiu antes do dilúvio. Dizem que a espécie humana representa o último exemplar duma cadeia de seres ancestrais desaparecidos, pre e parahumanos. A fim de resolver a questão da origem do homem, importa saber em que parte da Terra ele terá surgido pela primeira vez. Há hipóteses, segundo as quais teria sido na Ásia, no Vale do Indo (povos prediluvianos sumerianos), na Mesopotâmia e na Caldeia; há outras indicativas de que o berço da humanidade teria sido no Egito, visto que a civilização do país do Nilo teria precedido a da Ásia — opinião, entre-

tanto, aceita como errada. É natural que a cultura egípcia evoluçionasse mais rapidamente, o que se prova pelos vestígios de civilização encontrados nos terrenos caldaicos, que foram habitados pelos sumerianos, antes da era da florescência egípcia. Ora, o que é certo é que na Ásia foram descobertos muitos esqueletos de antropóides, outros se encontrando na África e na Europa (Vale do Danúbio). Os terrenos formados entre o terciário e pleistoceno inferior, contam descobertas de ossos e eolitos com sinais de uso. Estes foram identificados como sendo de elefantes e macacos; e as pedras, que pareciam terem sido usadas em trabalhos domésticos, podiam ter adquirido certas formas, parecendo instrumentos, pela pressão das águas terrençiais e das camadas estratificadas.

O pleistoceno também se chama paleolítico, porque segundo algumas pesquisas arqueológicas, os homens trabalhavam então com instrumentos primitivos de pedra, e mais tarde, de dentes, ossos e chifres. Só depois, no alúvio ou neolítico, se empregaram instrumentos já pulidos, destinados à arte da cerâmica e à fiação de tecidos. Deste alúvio, temos bastantes documentos: animais domésticos, primeiros cereais, habitações lacustres estacadas, sepulcros de pedra, entulhos e despojos encontrados na costa dinamarquesa. Só muito mais tarde o homem começou a usar instrumentos feitos de cobre, bronze e ferro.

Era difícil para a ciência dizer a idade do homem, tomando apenas em conta os restos da indústria humana aparecida nos terrenos do pleistoceno. Mas eram precisas mais provas. Foi então, em 1807, descoberto o chamado *Homo Heidelbergensis*, ou melhor, apenas uma maxila inferior encontrada nesta cidade alemã. Mais tarde encontraram-se, em Piltdown, restos de crâneos e uma mandíbula do chamado *Eoantropus Dawson* de Piltdown, espalhados à distância. Claro que não basta encontrar restos de ossos em camadas terciárias, para poder concluir da existência do homem nessa época. Não se podem aqui expor os diversos pontos de vista morfológicos, segundo os quais estes ossos pertenciam a homens e não a macacos-chimpanzés. Pouco mais tarde, no pleistoceno médio, aparecem mais documentos, esqueletos inteiros encontrados na Ásia e na Europa. Dos caracteres físicos destes homens, de atitude vertical, já podemos formar uma idéia nítida.

Mais tarde, no pleistoceno superior, as descobertas permitiram distinguir três tipos humanos, unidos na

espécie do chamado *Homo Sapiens*: o tipo negroide Grimaldi; o tipo branco Cro-Magnon (raça Atlântida) e o tipo Chancelade. Recentemente descobriram mais um tipo desta espécie, na França, chamado *Homo Aurignacenses*, que já usava armas feitas de dentes de mamutes e de chifres de rangifer.

Foi então encontrado um esqueleto que nos dá a melhor possibilidade de reconstituir a primitiva espécie humana; chama-se a este fóssil o *Homo Neandertalensis*, que, semelhante ao chimpanzé e ao gorila, é diferente, no ponto de vista morfológico e intelectual, dos tipos encontrados mais tarde: o *Homo Sapiens* (1). Não se tem até agora achado qualquer tipo intermediário entre o *Homo Neandertalensis* do pleistoceno médio e o *Sapiens* do pleistoceno superior (*missink link* ou anel perdido da cadeia evolucionista). Ainda hoje reconhecemos, entre a população da Rodésia, tipos muito semelhantes ao do *Homo Neandertalensis*. Mais tarde descobriram-se também esqueletos desta raça no Sul da França, em Le Monstier, na Áustria, na Palestina e em Espanha.

Os homens do pleistoceno médio e do superior foram bastante diferentes: o *Homo Neandertalensis* vivia ainda com certa bestialidade e o *Homo Sapiens* do neolítico já trabalhava, já modelava ossos e pedras, já não era simples pastor e pescador, mas sim agricultor, escultor e pintor, dedicando-se à arte e organizando a sua faina. Como — repetimos — não há transição entre um e outro tipo, há só duas possibilidades: ou entre estes dois houve qualquer revolução forte, qualquer mutação que extinguiu o tipo intermediário, ou o *Homo Neandertalensis* foi uma linha à parte, de maneira que o *Homo Sapiens*, tal como o actual, deriva de um tipo anterior, cuja evolução no pleistoceno médio nos é ainda desconhecida. É então possível que o *Homo Neandertalensis* tivesse evolução colateral, à parte, derivando, ou, melhor, sendo parente dos grandes semi-primatas e símios que teriam a sua forma de tradição num tipo recentemente descoberto em Java, chamado *Pithecanthropus* e num outro encontrado na China, o *Sinanthropus Pekinensis* (2).

Junto deste último esqueleto, foram postas a descoberto várias lareiras e instrumentos industriais e domésticos, feitos de quartzo, bem como provas de fogo e restos de comida. Estes tipos são semelhantes aos gibões.

Admite-se a possibilidade do homem ser parente do macaco, visto a embriologia ensinar a semelhança de feto humano com o do macaco (os membros superiores mais compridos e desenvolvidos do que as pernas, que mal podiam aguentar o peso do corpo recém-nascido, a cauda do embrião e mais tarde a atitude semelhante de locomoção). De tudo isto resulta que os antropologistas nada sabem de positivo e nem adi-

vinham se o homem primitivo existiu na Europa ou nos outros continentes.

É natural que os dois ramos de homens se desenvolvessem paralelamente, ficando ainda por esclarecer se alguma vez se reuniram. Todos devem, pois, descender da mesma origem, dos sub-primatas, sendo seu irmão o macaco, animal evolucionado ao máximo na sua espécie de mamífero trepador, ignorando-se o pai de ambos. São parentes, tal como o cão, o lobo e a raposa são descendentes dum cão primitivo desconhecido. Dos macacos antropóides resta também um fóssil do terciário, o *Proptiopicus*. Será ele o antepassado comum dos homens e antropóides?

Portanto, o homem não descende do macaco (3), mas a sua alma vem dele por um percurso animal.

Revoluções da Terra

Antes de nos preocuparmos com a evolução da alma e estando no fim da descrição da Terra, perguntamos: Haverá ainda grandes revoluções terrestres? Quando e como acabará a Terra e a vida?

Além dos movimentos terrestres, de rotação e translação, há um terceiro pelo qual o eixo terrestre muda de inclinação num período de 26000 anos, movimento chamado precessão dos equinócios. Ainda se sabe, da escola, o que são os equinócios: No início da Primavera e do Outono, quando os raios solares são perpendiculares ao equador e iluminam igualmente os dois hemisférios terrestres, dizemos que a Terra se encontra num equinócio.

Mas como a obliquidade do eixo terrestre muda gradualmente, bem como a posição do equador em relação à eclíptica, hão-de mudar igualmente os instantes dos equinócios. Esta leve mudança na inclinação do eixo conserva-se, pela atracção luno-solar sobre a zona equatorial, diferente nas duas metades da Terra, porque esta, não sendo esférica nem homogênea, não tem o seu centro de gravidade exactamente no centro geométrico. O eixo faz com a eclíptica um ângulo de 66°5 mas gira constantemente, gerando uma

(1) Semelhante descoberta foi feita em Chappelle-aux-saints.

(2) (Recentemente, em Sterkfontein, Middleton Shaw, encontrou semelhante esqueleto pre-histórico. Em 1920, nas sessões de Estudos Psíquicos de Varsóvia, houve manifestações destes *Pithecanthropus*).

(3) Diz Mendes Corrêa (em «Homo», modernos estudos sobre a origem do homem) muito bem: «Há razões ponderosas para crer que em nenhuma forma actual de Primatas esteja o antepassado humano, embora se reconheçam algumas como parentes colaterais do Homem, muito próximos».

O autor chama à concepção haeckeliana da antropogénese uma especulação mesmo infantil.

Graças à intervenção do corpo astral — arquivo ancestral — o embrião humano passa por todas as fases animais, na sua evolução. A ontogenia, diz Haeckel, é a recapitulação rápida da filogenia.

superfície cônica, ao cabo de 26000 anos, de forma que o polo celeste se desloca entre as estrelas. A cauda da «Ursa Maior» estará perpendicular daqui a 500.000 anos e o seu trapézio deformado.

Daqui a 10.000 anos também a nossa estrela polar, que faz agora parte da «Ursa Menor», há-de encontrar-se em «Vega».

A este conjunto de movimentos periódicos, chama-se avanço do equinócio, cuja amplitude anual é só de 25",7.

Com o decorrer dos séculos, o equinócio da primavera, por exemplo, verificar-se-á em Fevereiro; depois, muito mais tarde, em Janeiro e assim sucessivamente. Então, com este desvio, as estações hão de intermudar-se, até a eclíptica ficar, novamente, perpendicular ao equador, o que leva, nem mais nem menos, do que 25.868 anos. Dentro de 6.000 anos, a linha dos equinócios coincidirá com o grande eixo da órbita terrestre, desaparecendo a desigualdade das estações e as conseqüentes diferenças meteorológicas.

Esta precessão dos equinócios é importante para a astrologia, porque a Terra, no seu movimento em torno do Sol, vai ocupando mensalmente outro signo zodiacal, e estes signos avançam de tal modo, que quem tiver nascido em Fevereiro não ficará sob o mesmo signo de quem tiver nascido no mesmo dia e mês, embora há muitos séculos.

O movimento cônico do eixo modifica não só o fundo dos mares, como também vai inclinando a linha dos polos para o Sol, alterando, portanto, a distribuição das linhas isotérmicas. Pois bem; a Terra há de mudar, visto o fluxo e o refluxo das marés tender a neutralizar a rotação da Terra, prolongando o dia. O estado interior da Terra não é muito susceptível de originar grandes revoluções, visto que a crosta, já espessa e solidificada, pode resistir mais às elevadas pressões e temperaturas; mas não excluimos a possibilidade de comoções telúricas com deslocamentos parciais dos continentes e mares.

O que a humanidade comum mais receia são os choques da Terra com cometas, facto, entretanto, pouco de esperar, visto a probabilidade de tal choque ser muitíssimo pequena e entre os milhares de estrelas um acaso incalculável. Mesmo que se desse um choque com a cabeça de um cometa, as dimensões desta, bem como a sua velocidade e massa, relativamente pequenas, apenas destruiriam uma cidade. Um choque com a cauda (o que parece já ter acontecido) não deve ter conseqüências, visto que a mesma cauda, pela sua natureza ultra-gasosa, passaria pela Terra como uma nuvem de 300 milhões de km.

Ainda que a matéria terrestre aumentasse à custa da energia solar, o mais certo seria que a Terra diminuisse, secasse e extinguísse o seu fogo. Outrora, a quantidade de água era muito maior e a atmosfera mais espessa, através da qual e antes mesmo da exis-

tência de nuvens, irradiava calor, dando origem à formação de estepes e desertos, como em Marte.

O fim da Terra

A Terra e a vida que nela se exerce serão destruídas pela acção dos vapores atmosféricos e águas subterrâneas, pelo ar e pelos ventos, pelas erupções vulcânicas e produtos de combustão das indústrias que, saturando o ar de carbono, a levarão à morte, embora esta massa gasosa proteja o nosso globo contra o resfriamento que o Sol, então, já não compensará. A altitude média dos continentes, que é de 700 metros, perde 1 cm em 100 anos; assim em 7 milhões de anos os mares tê-los-iam submergido. Segundo Helmholtz, o Sol terá perdido o seu calor ⁽¹⁾ ao cabo de seis milhões de anos, de forma que a Terra ficará à temperatura de zero absoluto ⁽²⁾. Toda a civilização, todas as nossas grandes e pequenas lutas, o amor, o trabalho, as idéias, as ciências, todo o nosso orgulho, toda a nossa ambição, toda a nossa vida, enfim, de nada terão servido.

Antes do término desta evolução, todos os planetas físicos se terão transformado em hélio e hidrogénio, liquefeitos; atingindo-se, bruscamente, o zero absoluto, toda a matéria se extinguiria, desmaterializada. Nesta transformação em energia, liberta-se calor. ¿Será isto o ponto de partida para novo ciclo, nova materialização, integração de novas nebulosas, de novos mundos? (*Perspectum mobile* do Universo).

Em certo livro, a Terra é comparada a uma gota de água, em que giram vivamente micróbios de $\frac{1}{10}$ mm, os quais estão sujeitos à fome e ao amor. Quando a gota começa a evaporar-se, o mundo dos micróbios diminui; há excesso de população, falta de «espaço vital»; caminham para o centro, para não secarem, mas o seu destino é inevitável, ninguém o pode deter.

Para onde vai a vida humana

¿Para onde vai, então, a vida, após a sua extinção?

¿O homem emigrará para outros mundos?

¿A vida irá para os astros, cujo resfriamento tanto impede a albumina de se coagular? — perguntam os materialistas. ¿O germe vital será trans-

(Continua na pag. 118)

⁽¹⁾ O Sol pesa hoje menos 350.000 milhões de toneladas do que outrora, diminuindo assim a sua força de gravitação e afastando-se da Terra.

⁽²⁾ Jeans avalia a habitabilidade da Terra em mais um trilhão de anos.

EXORTAÇÃO E AVISO

por Reper-Siam

Que Jesus vos ilumine, já que a vossa tarefa necessita de muita inteligência, de muita perspicácia, de muita ponderação, para ser levada a cabo sem perigos, nem contratempos. Apesar da vossa posição ser equilibrada e sólida e dar incentivo ao trabalho que dela se requer, não hesitamos em repetir o que vos temos dito noutras emergências: é preciso resistir e avançar; é preciso encarar de frente a situação; é preciso deitar abaixo os obstáculos que retardam a marcha, pois só vence quem labora e produz em benefício do Ideal. Não vos amedronteis, nem deserteis, que a vitória é certa. Enquanto estiverdes ligados à promessa feita antes de reenarnar, sereis auxiliados e vencereis sempre. Portanto, mãos à obra, que o tempo urge. Não vos admireis da grandeza e extensão da luta. Para qualquer parte que vos volteis, encontrareis o trabalho a solicitar a vossa actividade. Trabalhai, pois, sem desânimo, sem desfalecimento, para que seja boa a recompensa.

Nada espereis dos homens, mesmo daqueles que parecem ter em elevado grau o sentimento de justiça. A recompensa do vosso sacrifício tê-la-eis aqui, quando regressardes da jornada, cansados mas glorificados. Felizes dos que vencem, dos que podem lutar por uma causa tão bela como a nossa!

Não vos lastimeis da vida atribulada que leveis. Os tempos são de luta. Quem cruzar os braços, será tragado; e quem trair a obra moral a que lançou ombros, será esmagado pelo remorso, quando lhe fôr dado reconhecer o erro que praticou. De resto, nós velaremos. Contai sempre com a nossa vigilância, com o nosso auxílio.

Dai tudo o que puderdes. Esforçai-vos por defender o que foi confiado à vossa guarda.

O aviso que há tempos vos demos está a confirmar-se aos vossos olhos. Mais vereis ainda; todavia, como das demais vezes, a borrasca passará e os vencedores consolida-

rão o reduto, tornando-se mais fortes do que antes. Não percais tempo em discussões estêreis e a alimentar pensamentos de receio. Quem trabalha e conta com o nosso auxílio, nada deve recear. Na hora própria, tudo se conjugará para desmascarar o mal, onde quer que êle esteja.

Tanto vós, como a vossa obra, estão sendo vítimas da maior intriga que se pode conceber. Inteligências que bons frutos produziriam, se trabalhassem na seara do Bem, preparam a teia, onde esperam enredar-vos. Insensatos, que não evitam tão grande resvaladouro! Vós, porém, não caíreis no ardil, se souberdes ser fortes e resistir aos maus pensamentos.

Atendei bem no que vos dizemos: A intriga fervilha e fervilhará, mas será destruída pelas armas dos próprios intrigantes.

Sêde perspicazes, que os lobos já não se limitam a espreitar. Os lobos estão em campo. Todos os meios lhes servem. As mesmas armas que foram movidas contra outros sectores, estão agora assestadas contra vós.

Os fracos, que se deixarem dominar pela fadiga ou pela intriga, pela inércia ou pela traição, ficarão para a outra vez, já que agora não souberam ou não quiseram esforçar-se, dando tudo o que estava ao seu alcance. Vós, porém, sereis fortes. Se alguns caírem, serão substituídos com vantagem. Em vós confiamos, em vós depositamos tôdas as nossas esperanças, a fim de que êsse baluarte se eleve cada vez mais, para glória e triunfo da nossa Santa Causa e alívio do próximo, abrindo o caminho mais puro que pode conduzir à felicidade.

* * *

Os tempos não são propícios a quem tem sobre os ombros uma tarefa como a vossa. Não penseis, pois, em repouso. Olhai para

tantos sacrificados que na terra se debatem para bem da humanidade. Segui o seu exemplo e desprezai tudo o que ennegreça os caracteres e exalte os prazeres mundanos e as felicidades efêmeras da matéria.

Os iluminados souberam sempre manter-se acima das frivolidades que vos cercam.

Sabemos qual é a vossa resposta. Que sois fracos e atrasados. Sim, irmãos; mas, para subir um grau na craveira do espírito, há que ensaiar a vida dos iluminados. Despi-vos de comodismos, afastai-vos de tudo o que não seja estritamente espiritual, confiai no nosso auxílio e dedicai-vos de alma e coração à tarefa que iniciastes e haveis de concluir, custe o que custar.

Tendes de viver exclusivamente para a vossa missão, arrostando com a malquerença de uns e a inveja de outros e até, porventura, com a traição dalguns que vos acompanham. Mais que vós, sofreram outros, que talvez não dispusessem do mesmo auxílio. Para a frente, pois! Que os ataques vos temperem as energias, que as calúnias fortifiquem as vossas almas e que as intrigas não tenham poder algum em vós. Couraçai-vos contra todos êsses bicharôcos daninhos que se alapardam em peitos de alguns que se julgam mais elevados. O que é preciso é manter espírito alegre e cara sorridente.

Afastai para bem longe as preocupações e tudo o que concorra para amolecer e destruir. Cultivai as virtudes que levam à glória. Procurai ter boa disposição. Calcai aos pés a intriga. Desprezai tudo o que vos inquietar a alma. Preocupai-vos apenas com o que for construtivo. Trabalhai e vigiai. Defendei o que está à vossa guarda. Espalhai à vossa volta a confiança que os triunfadores devem depositar em si próprios e no destino que os guia.

Irmãos, corações ao alto e inteligência aguda para guiar e orientar o barco, da melhor maneira possível. Que o coaxar das rãs vos não roube nem um só momento do precioso tempo que deveis dedicar ao trabalho. É preciso aproveitar a maré.

Não tendes receios, porque os receios quebrantam as energias. Não tendes preocupações descabidas, nem deis ouvidos a ameaças. Todas as vossas energias devem ser dedicadas ao trabalho. Tendes que pensar somente no vosso trabalho, na vossa tarefa. Cuidai da vossa saúde física e moral, de

Pela Vitória do Espírito

(Continuação da pág. 116)

portado por bactérias que se aclimatem a todas as condições e temperaturas e cuja vitalidade as torne capazes de se conservarem durante séculos e sendo levadas da Terra pela pressão dos raios solares na sua superfície? Será assim? — perguntam os realistas, que se admiram de nunca terem podido apreender sinais alguns de vida orgânica nos astros, apesar dos telescópios, cujo poder de ampliação podia bem dar a conhecer grandes objectos e pontos luminosos em movimento.

Alguns astrónomos, entre os quais Camilo Flammarion, preocuparam-se muito com os sinais luminosos, querendo tentar comunicar pela T. S. F. com os habitantes dos astros, especialmente de Marte. Os maiores refractores da Califórnia e de Arizona e o chamado telescópio Yerkes, com lentes de 101 cm de diâmetro, pertencendo ao astrónomo Barnes, nunca proporcionaram a verificação de qualquer sinal de vida; e até as melhores provas da existência de vida em Marte — os chamados canais marcianos — foram declarados simples ilusões ópticas, em 1924, ano da maior aproximação daquele planeta.

Pois bem; voltando ao assunto, perguntamos, novamente: *¿Donde veio o homem? ¿Donde vem a vida?*

¿Haverá barreiras entre a matéria inanimada e a matéria viva? ¿Haverá realmente, como os indígenas indianos dizem, os chamados «proselmos» que já povoaram a Terra antes da formação da Lua? ¿Donde provieram os monumentos gigantescos da «Osterinsel», ilha da Páscoa, as epígrafes nas rochas do Colorado? ¿Como souberam os mexicanos da crucificação de Jesus Cristo, antes da época de Colombo?

O nosso programa será, então:

¿Que é a vida?

¿Quando surgiu e qual é a sua origem?

¿Como se exerceu a vida no homem?

¿Onde reside a vida no homem? — o que nos levará a discutir as leis da hereditariedade.

¿Para onde vai a vida? — o que nos levará a estudar a influência dos astros na nossa vida.

modo que estejais sempre apetrechados para a luta.

Irmãos, fé e esperança. Só os fortes, os bons e os enérgicos conseguem vitórias. Os fracos ficarão para atender os caluniadores, enquanto os fortes chegarão ao fim da vitória que os espera.

Corações ao alto!

5 de Março de 1942.

ESPIRITISMO E TEOSOFIA

por Haydi de Tebelen

I

O incitamento é um grande factor de trabalho e progresso material e moral. Foi subordinada a esse misterioso impulso que viemos a estas colunas trazer o nosso quinhão de estudo acerca de duas doutrinas elevadas que muito prezamos e às quais muito devemos: Teosofia e Espiritismo. São o complemento uma da outra, tanto assim, que fazem parte da chamada Sabedoria Antiga.

A princesa Helena Petrowna Blavatsky, a Dr.^a Annie Besant, o bispo Leadbeater e o grande Allan Kardec, de certo que no Além concordam com a nossa maneira de apreciar as belas doutrinas que, com tanto amor, espalharam na terra em prol da humanidade.

Os fundadores da Sociedade Teosófica iluminaram o mundo ocidental, divulgando essa Sabedoria Antiga, mas fizeram-no de maneira também a dividir a humanidade, aconselhando a não utilização de forças ocultas. É certo que o fizeram num sentimento muito louvável, para que delas não fizessem uso os mal-intencionados.

A Teosofia trouxe à luz do dia todos os conhecimentos tendo o cuidado de o fazer de maneira a poderem ser compreendidos somente pelos que já tinham sido chamados para o Caminho, que ela nos aconselha apenas pela meditação.

Alan Kardec foi mais longe, na sua missão de amor. Ensinou-nos a maneira de nos servirmos dessas forças ocultas para comunicarmos com o Além, e de facilitar a este de vir até nós nas suas multiplas manifestações.

Helena Blavatsky, A. Besant e Leadbeater foram grandes, mas dividiram a humanidade; Allan Kardec foi sublime, porque uniu os dois mundos: o Visível e o Invisível.

Repetimos, pois: a Teosofia e o Espiritismo completam-se, porque estão ligados e são indispensáveis um ao outro. A Teosofia é a ciência, e o Espiritismo, a prática. Assentam estas duas doutrinas nos mesmos princípios, cujo fim é a evolução da humanidade.

Vejamos o que nos ensina a Teosofia:

1.^o — Que tudo o que percebemos em volta de nós, sob qualquer forma que seja, não são senão modos duma só Vida, de que cada um sente fazer parte. Pelo que podemos saber, pois esta Vida de

que cada um comparticipa é universal. Ela é o Ar, a Terra, a Água, o Fogo. São todos os reinos da natureza; é o universo e os próprios céus.

2.^o — Que esta Vida é Una. Em qualidade essencial é a mesma por toda a parte, mas os seus aspectos variam quasi até ao infinito.

3.^o — Que esta Vida está em toda a parte, em via de desenvolvimento e num número quasi infinito de graus, por exemplo, nos elementos e nos reinos da natureza.

4.^o — Que o desenrolar desta vida se opera segundo uma lei e segundo uma ordem imutáveis:

a) Lei do Governo Inteiro dos Mundos, segundo a qual as Leis da Vida evoluindo são administradas por seres que são a encarnação dessas Leis.

b) Lei do Tempo ou do reajustamento segundo a qual a vida em evolução mergulha constantemente na matéria para se ajustar gradualmente à realidade e para adquirir um sentido exacto da realidade dos Valores. Chama-se-lhe às vezes Lei da Reencarnação.

c) Lei da Causalidade, ou Karma, segundo a qual tudo é percebido como acontecimentos numa cadeia ininterrupta de crescimento progressivo em cada um; ao mesmo tempo, é herança dum imenso passado, e criador de todo o futuro. Esta lei contradiz pois a ideia do Acaso e proclama ao mesmo tempo a supremacia duma Justiça perfeita, e a inevitabilidade dum perfeito Fim.

d) Lei da Individualização, segundo a qual as Leis do Tempo e da Causalidade resolvem o universal Fogo da Vida nas suas centelhas componentes ou individualidades, e as transforma no decorrer do tempo, em chamas e fogos, sob a fricção da dualidade causa-efeito.

e) Lei da Adaptação, pela qual toda a centelha está em relação com as mudanças do seu meio, suficiente a si própria, pelo que diz respeito ao seu desenvolvimento. Por outras palavras: cada individualidade é de facto um ser em si, e possui plenamente o necessário para alcançar o próximo nível de desenvolvimento. A Vida não recusa nada a seus filhos do que pode servir para a sua ascensão.

¿Não serão estes também os princípios da teoria espirita? Ninguém o ousará negar.

¿Onde está então o ponto divergente que separa teósofos e espiritas?

Em que estes se utilizam da *mediunidade* para entrarem em relação com o Outro Mundo.

Emquanto uns se limitam e encontram satisfação sòmente no belo ideal teosófico, outros fazem da teosofia uma ciência-positiva, e temos então o Espiritismo.

Estão pois traçados os dois caminhos: o teosófico com a meditação podendo à semelhança do místico elevar-se às altas culminâncias espirituais, e o espirita procurando nas revelações dos habitantes do Astral, e nos fenómenos que elle nos proporciona, um estudo mais concreto da Verdade que buscamos.

Entra-se em plena polémica. Há quem acuse a Teosofia de ser uma ciência abstracta, como há quem acuse o Espiritismo de ser uma fábrica de loucos. Repito: uns e outros têm razão, e igualmente não a têm. Parece um paradoxo, mas é verdade.

A Teosofia praticada em alto grau leva ao desenvolvimento de faculdades psíquicas, que põem o praticante em relação directa com o Astral.

O Espiritismo utilizando-se da mediunidade cria um traço de união mais perfeito entre os dois mundos, pois facilita no máximo as comunicações do Além com o Aquém, e vice-versa.

Objectam os teósofos que o uso da mediunidade leva à loucura. Também se pode acusar os teósofos de enlouquecer, pois também os tem havido que se têm entregado com fanatismo à prática do psiquismo, e, mal orientados se têm tornado neurasténicos, e mesmo maníacos. De-certo que em tudo é necessário muita prudência; e tôdas as experiências passadas ao crivo da nossa razão. Dizem que o uso da mediunidade leva à loucura, mas até hoje ainda não foi provado que grandes médiuns como Swendenborg, Cahagnet, Eusapia Paladino, Eva, Mistress d'Esperance, Miss W. Mayers, etc., tivessem dado indícios de alienação mental.

Mas por êsse mundo fora, quantas curas por meio da mediunidade têm restituído a razão a tantos infelizes para sempre considerados incuráveis!

Se as práticas espiritas gerassem loucos não se consagravam a estudá-las sábios como os cientistas Prof. Crookes, Alfred Russel Wallace, Sir Oliver Lodge, Sir Arthur Conan Doyle, Rev. Newton, Rev. Savage, William Stead, Camille Flammarion, Dr. Aksakof, Engenheiro Gabriel Delanne, Dr. Baraduc, Dr. Pierre Janet, Prof. Charles Richet, César Lombroso, Dr. Hodgson, Dr. I. K. Funk, Prof. James, Prof. Hyslop, Dr. Carrington e muitos outros.

O Dr. Thomas J. Hudson, autor de «As leis dos fenómenos psíquicos», escreveu: — «O homem que hoje negar os fenómenos do Espiritismo não deve ter qualificativo de céptico e simplesmente o de ignorante.»

De-certo que estes homens de ciência, benfeitores da humanidade não deixaram loucos os médiuns que

lhes facilitaram as suas experiências com o Além. Que a mediunidade não gera a loucura, atesta-o o seu grande desenvolvimento com fins altruísticos em países mais avançados que Portugal.

Os médiuns curadores exercem em todo o mundo a sua acção benéfica. Nos países anglo-saxões e no Brasil, onde o Espiritismo tem tomado grande incremento, já se chegou a fundar um sanatório espirita, na cidade de Uberaba, o qual funciona desde 1933, tendo curado ou dado alívio a centenas de doentes.

As faculdades psíquicas não devem ser reprimidas, porque, além de provocarem o desequilíbrio, originam doenças nervosas, que os médicos da terra desconhecem e consideram incuráveis.

A mediunidade é cultivada desde a mais remota antiguidade; das criptas do Himalaia às florestas da Gália. Na Caldéia, no Egito, na Índia, na Grécia, em Roma e na Gália, dando-nos as pitonisas, as sibilas, os oráculos, as vestais e as druidas.

Ulisses, Orfeu, Hermes, Krishna, Pitágoras, Enéas, Plutarco, Plínio, o Antigo, Sócrates, Zoroastro, Platão, Moisés e os grandes profetas hebreus Isaías, Ezequiel e Daniel, tiveram comunicações com os espiritos. Seria longa a lista de nomes célebres que vos poderia citar, através de vários países e nas diversas épocas da história da humanidade, de entidades que recorreram às práticas mediúnicas.

Os profetas hebreus dão-nos, na história de Israel, o mais belo poema mediúnico. No Conselho dos Anciãos, Jeová aparece a Moisés no Tabernáculo, envolto numa nuvem, ou seja num começo de materialização.

Saúl e Ram, conhecedores do valor da mediunidade transcendental, instituíram escolas de profetas, isto é, agremiações em que os seus membros se iniciavam nos mistérios da comunicação. Estas escolas eram instaladas de preferência em lugares solitários, na contemplação das belezas da natureza, no estudo e no silêncio. O discípulo-profeta podia assim preparar-se para, sob o belo e límpido céu do Oriente, receber o influxo do Alto.

Nestas escolas admitiam-se discípulos — profetas e discípulos — videntes dos dois sexos. Os colégios sibilinos existiam nas cidades sagradas.

Os principais eram os de Vhar, de Ammion, de Delfios, de Cumes, d'Eritreia, de Samos, de Cumes na Eólia, de Gergitas, na Troade, de Ancyre, na Phrigia, de Tibirte na Itália, de Rane ou de Roum na Ásia, de Tauryn, a antiga Belgrade, e enfim os templos celtas de Varaha, depois Bibracte, até à ilha de Sein, depois Lyn-Dyn, Londres; até aos templos da Irlanda, da Escóssia, e da ilha de Man.

Na antiguidade aceitaram e falaram da arte sibi-

(Continua na pág. 122)

UMA CURA INTERESSANTE

Há muito que no Centro Espiritualista Luz e Amor funciona o *Grupo Reper-Siam*, cuja missão é a cura psíquica daqueles a quem a medicina oficial julgou incuráveis. Há muito que ali se realizam trabalhos interessantes que demonstram à evidência os poderosos efeitos da terapêutica magnética.

Temos ocultado muitos factos comprovativos que não deixam lugar à dúvida. Hoje, entendemos dever publicar tais factos, não só porque são verdades que se apregoam, mas porque reforçam uma doutrina ainda mal compreendida e quasi sempre deturpada e menosprezada, sobretudo — é curioso! — por aqueles que a desconhecem e teimam em não estudá-la.

Júlia Maria de Oliveira Rebeca, natural de Anáfi — Rossio de Abrantes — é mulher de vinte e sete annos, forte, saudável, de boa aparência e mãe de dois filhos robustos. Fazia toda a lida da casa e os serviços do campo, sem o mínimo cansaço, sempre alegre e comunicativa. Em meados de Dezembro último, sofreu uma entorse no carpo direito e desde então apoderou-se dela enorme mal-estar, acompanhado de vertigens, vômitos e falta de apetite, que causavam sérias apreensões à sua família, em especial a seu marido sr. Manuel Cardoso Rebeca, condutor de camionetas na mesma localidade.

Começou aqui o calvário da pobre mulher. De médico para médico, não obtinha melhora alguma. Consultou o Dr. Jorge Donato, de Abrantes, que diagnosticou fraqueza geral e lhe receitou o que a ciência costuma aconselhar em casos dessa natureza. Consultou o Dr. Farinha Pereira, da mesma cidade, que diagnosticou *cisma*, declarando que a doente... não tinha doença alguma. Para descargo de consciência, receitou-lhe uma caixa de comprimidos. Consultou o Dr. José Guedes de Campos, médico conhecido que a submeteu a análises de expectoração, para pesquisa de bacilos de Kock, tal era o estado em que a doente se encontrava. Consultou o Dr. Cabral de Andrade, que declarou não haver doença. E receitou-lhe brometos em comprimidos.

Mas o estado da enferma era verdadeiramente lastimoso. Ninguém lhe dava muitos dias de vida. A consumpção aumentava, o fastio mantinha-se. A família chegou a preparar-lhe a mortalha.

Nisto, procuraram um especialista, a conselho dum dos médicos que a haviam tratado.

Foi o Dr. Eduardo Coelho, de Lisboa, que recei-

tou várias drogas e duas caixas de ampolas Cardial-Efredina.

Os raios X entraram em acção: uma radioscopia em Abrantes e outra em Lisboa, ambas sem resultado positivo. Era inútil continuar, pensavam aquelas pobres almas, olhando para o monte de receitas aviadas.

As despesas feitas nestes 60 dias de inúteis diligências, atingiram o montante de 4.000\$00 (quatro contos de reis), despesa incomportável para indivíduos pobres.

A doença zombava da medicina e dos ilustrados médicos. A doente já não podia dar um passo, até que um assinante de *Estudos Psíquicos* os aconselhou a virem ao Centro E. Luz e Amor. Talvez aqui encontrassem a cura que os médicos não puderam dar-lhe. E vieram. Vieram no dia 18 de Fevereiro. Dois homens e três mulheres apresentaram-se no Centro, às quatro horas da tarde, onde foram recebidos com as maiores atenções e carinhos.

Fomos postos ao facto da doença e logo iniciámos os trabalhos, com o auxilio da médium do *Grupo Familiar Allan Kardec*, que nessa ocasião se encontrava no Centro. Vimos tratar-se duma obsessão.

As restantes sessões realizaram-se no *Grupo Reper-Siam*, com a presença da sua médium — D. Maria Santana Pinheiro — que muitos serviços lhe tem prestado. Houve duas catequizações de obsessores e seis sessões de terapêutica magnética. E, desde o primeiro dia, a enferma pôs de parte todos os medicamentos que lhe haviam sido receitados. Só passes magnéticos e água magnetizada.

Júlia Maria, que fôra levada ao Centro num taxi, mercê do seu enorme depauperamento, sem forças para erguer um braço, ao terceiro tratamento parecia transfigurada. Já não era aquêle farrapo humano que ali fôra conduzido poucos dias antes, de olhar abstracto e sem contrôlo físico. Era uma mulher desempenada, de bela aparência, com ânsia de viver e tratar dos filhos.

As sessões continuaram. À quinta sessão as melhoras acentuaram-se de tal modo, que a podíamos considerar curada. Entretanto, sobreveio-lhe um ataque de gripe, cujos efeitos tivemos que dbelar. E à oitava sessão — graças ao poderoso auxilio dos nossos guias — Júlia Maria de Oliveira Rebeca regressava à sua terra com o marido, agradecendo a Deus os benefícios que lhe foram prestados e cho-

rando os quatro mil escudos que gastara em 60 dias de doença.

Estávamos a 5 de Março. O tratamento e a cura haviam durado *dezoito dias* e as despesas no Centro limitavam-se à simples inscrição de sócio e ao pagamento da cota mensal de 3\$00, com recepção gratuita desta revista.

Em 12 de Abril, ou seja 37 dias depois, recebemos uma carta (que mostraremos a quem nisso tiver interesse), informando-nos de que Júlia Maria se encontra perfeitamente curada, sem nada que a apoquente.

Eis um caso interessante de cura psíquica, na qual os ilustres médicos deviam meditar.

No dia em que os médicos estudarem o Espiritismo — como muito bem diz o Dr. Inácio Ferreira — a medicina encontrará o seu verdadeiro rumo, sobretudo no ponto de vista da psiquiatria.

É com trabalhos destes que o Espiritismo se dignificará e imporá ao respeito da sociedade. É esta a sua melhor propaganda.

ESPIRITISMO E TEOSOFIA

(Continuação da pág. 120)

lina: Aristóteles, Plutarco, Plínio, Marcianus Capela, Solin, Eliano, Strabão, Varrão, Ovidio, Virgílio, Propércio, Tibúlio, Lucano, Juvenal, Chrysippe, Névius, Pisão, Appolodore, Erathostene, Heraclide de Pont, Pausanias, Ausone, Cícero, Tito-Lívio, Florus, Tácito, Suétone, Suidas, Eusébe, Diodoro de Sicília, Valério Máximo, Ammien Marcellin, Macrobe, Coelius Rhodigius, Denys, d'Halicarnasse, Aulu-Gelle, Servius, Saint-Clement d'Alexandrie, Saint-Agostinho, St. Jerónimo, St. Ambrósio, Justino, Lactância, Nicetas, Zonare, Euthynius, Zigabenus, etc.

Aí por 1880 ela era apenas sãbiamente cultivada nos santuários do Tibet, no Himalaia, e nas populações a que os chineses chamam os montanhese. Presentemente ela está bastante divulgada, tanto no Ocidente como no Novo Mundo.

Basta-nos lêr com atenção a Bíblia, para encontrarmos em cada texto afirmações que realçam a mediunidade em todos os seus graus e aspectos.

Moisés era médium vidente e auditivo; êle viu Jeová, o espírito protector de Israel envolto numa nuvem, ou seja num começo de materialização. Era também médium escrevente. Escreveu as Tábuas da Lei, ditadas por Elohim; médium activo e magnetizador poderoso, fulminou com uma descarga fluídica os hebreus revoltados no deserto; era médium inspirado, e assim entoou o seu maravilhoso cântico após a derrota do Faraó.

Samuel era muita vez despertado por vozes que lhe anunciavam coisas futuras.

Lendo-se a vida de Job vê-se que ela é toda

Bibliografia

por **Isidoro Duarte Santos**

NARRAÇÕES DO INFINITO, por *Camille Flammarion* — Livraria Editora da Federação Espirita Brasileira, 191 pág. 1941.

MAIS uma joia de inestimável valor, a juntar às restantes editadas pela Livraria da Federação Espirita Brasileira, da Colecção Camille Flammarion.

Este livro, vazado no estilo inconfundível do grande astrónomo e escritor francês, apresenta um problema curiosíssimo, talvez único no género: uma viagem sideral realizada pelo espírito recém-desencarnado que continua a usar de todas as suas faculdades, relativamente à existência actual e às suas vidas anteriores.

Tal problema é estudado pelo autor do livro, em virtude de propriedades da luz que permitiam às almas a conservação das imagens relativas aos lugares onde viveram.

Como se vê, Flammarion mais uma vez aproveitou os seus cabedais científicos para arquitetar uma narrativa verosímil, de feição absolutamente espírita, em cuja leitura se encontra a consoladora certeza da sobrevivência, com a respectiva via de redenção moral e espiritual.

Narrações do Infinito é livro para ler e reler e ninguém se arrependerá, com efeito, do tempo que gastar a percorrer as suas páginas.

OBRA E INSPIRACIÓN, por *Bartolomé Rovira Pehuajó* — F. C. O. y Pcial Año 1941. 63 páginas.

EMBORA de pequeno fôlego, este opúsculo é interessante e revela da parte do autor faculdades de vidência e clarividência muito desenvolvidas. Nele trata do *processus* da reencarnação e desencarnação, segundo as suas observações pessoais, estudando quatro casos particulares com bastantes e variados pormenores, obtidos pela sua vidência.

Além disto, menciona curiosas observações acerca de *desdobramento espiritual, situação espiritual dos terroristas, atracções funestas, sensualismo*, etc., etc.

Esta obra é útil e de boa propaganda.

de iluminações e de inspirações mediúnicas. Saúl também foi um médium «do Senhor», mas em consequência de faltas graves da sua vida desordenada, tornou-se instrumento de espíritos inferiores. E a Bíblia referindo-se a êle diz: «Em sua alma um espírito maligno se introduz», o que prova que as obsessões já eram conhecidas na antiguidade.

Crónica Estrangeira

por Isidoro Duarte Santos

Um aviador da Royal Air Force explica o mistério da sua morte e dá provas de sobrevivência

O facto que passamos a narrar foi rebuscado de *Psychic News* pelo nosso confrade Dr. Sebastião E. Martins. Lamentamos não o poder transcrever na íntegra, em virtude da sua extensão ultrapassar o espaço de que dispomos.

As provas de sobrevivência a que alude a epígrafe desta nótula obtiveram-se numa sessão espirita realizada em casa de Maurice Barbanell, com o médium Joseph Benjamim e a que assistiram um oficial aviador e a actriz de rádio e cinema Frances Day, amigos do espírito comunicante.

O médium desconhecia os interessados e o aviador apresentou-se civilmente, para não dar nas vistas.

— Nada prometo, — disse Barbanell —. Não me digam o que desejam saber. Se «ê» se comunicar, reconhecê-lo-eis facilmente.

O aviador não foi apresentado a Barbanell. Nenhum dos dois visitantes foi também apresentado a Benjamim, que apenas conhecia Frances Day pelas fotografias dos jornais.

Depois de cair em transe, o médium falou do recente falecimento dum aviador, descrevendo-o com o seu uniforme, acrescentando que voara sobre a Alemanha. Em seguida, pormenorizou-lhe a «morte», cujas particularidades não podem ser reveladas, e indicou o paradeiro dalguns aviadores mortos em combate, o que, até então, constituía verdadeiro enigma.

O espírito informou que estivera na R. A. F. e descreveu os trabalhos de que fôra incumbido, o que provou claramente a sua identidade.

O aviador-espírito e o aviador-assistente haviam sido companheiros antes da guerra. Assim, o médium descreveu a vida social dos dois amigos, os seus planos e a forte emoção do amigo sobrevivente, ao saber da sorte do companheiro.

O comunicante declinou o nome, descreveu a sua casa no Canadá, indicando a cidade onde vivia. O seu amor pelos cavalos, o bom-gosto no trajar e a predilecção pelas bugigangas foram novas provas de identificação.

Referiu-se também a uma festa, a que êle, Frances

Day e o seu amigo haviam assistido. Fixou o momento da sua desencarnação e mencionou o facto dos dois amigos terem encontrado dificuldade na aquisição do bilhete, quando um dia foram ver representar Frances Day. Afirmou também ao seu amigo que o vigiaria e auxiliaria nas suas pesquisas espiritas. Para tanto, daria sinal de si, por meio de pancadas numa mesa.

O oficial aviador nunca tinha assistido a sessões espiritas e ficou muito impressionado com tudo o que presenciou.

Frances Day é espirita convicta e achou excelentes as provas de identificação recebidas através do médium Benjamim.

Antes da publicação deste relato, Frances Day mostrou desejo de assistir a nova sessão, a-fim-de se inteirar melhor dos factos relatados pelo espírito.

Maurice Barbanell acedeu. Convocou a médium Bertha Harris para uma sessão em casa dêle. Quasi no início dos trabalhos, o mesmo espírito declinou o sobrenome.

— Êle está muito comovido — declarara a médium —. Diz que esperava esta oportunidade há muito tempo. A senhora tem estado a pensar nele...

— É verdade — respondeu Frances Day, que viera sôzinha à sessão.

Bertha Harris descreveu, então, a morte do aviador, indicando o local e a data. Depois, disse que o espírito tinha nas mãos cravos encarnados, o que levou Frances Day a explicar:

— Foram as últimas flores que êle me enviou.

— Ligadas a uma mensagem — acrescentou a médium.

— É verdade.

— Foi a última vez que a senhora o viu.

— Exactamente — exclamou a actriz.

Para tornar mais evidente a sua sobrevivência, o espírito nomeou o amigo que acompanhara Frances Day à sessão do médium Benjamim, seguindo-se uma série de comunicações para realçar os laços que haviam ligado, na terra, os dois amigos.

A parte principal da sessão foi a referência feita a um acidente, muito conhecido da actriz e do seu amigo e sucedido entre a primeira e a segunda sessão: o aeroplano tripulado pelo amigo fôra metralhado, durante operações militares. Êle sofrera ferimentos muito graves.

O espírito referiu-se a este incidente, mencionando até o ferimento numa perna. E acrescentou:

— Estou satisfeito por isso não ter grande importância. Mas ele podia ter ficado sem a perna. Agora não pode andar, porque a tem ligada. Brevemente estará restabelecido.

Voltou a falar sobre o destino de certos objectos de seu uso pessoal, tal como fizera pelo médium Benjamim, supondo-se que algum mistério pairava sobre eles.

Maurício Barbanell disse tratar-se duma sessão dramática, visto os acontecimentos da guerra terem servido de cenário a estas cenas sangrentas. Havia ali três pessoas, duas vivas e uma «falecida», ligadas entre si por interesse recíproco.

— O «trio» transformou-se em «dueto» — declarou o espírito à famosa cantora que, em duas sessões, verificou bem o principal objectivo do Espiritismo: provar que a vida continua além da morte.

Fenómenos inexplicáveis

Há coisas tão extraordinárias e impressionantes, que o homem hesita em formular hipóteses explicativas, limitando-se a meditar nos mistérios insondáveis que existem para lá dos humanos conhecimentos. Pensando nisto, lemos em *Constância*, de Buenos Aires, o relato de alguns fenómenos inexplicáveis publicados no diário *La Nación* e que vamos transcrever, em breve resumo.

Primeiro, referiu-se ao caso de Paul Kern, de Budapeste, ferido na cabeça durante a guerra mundial e que, desde então, nunca mais voltou a dormir e sem que esta circunstância tenha afectado a sua saúde. Depois, citou o caso não menos curioso do espanhol Godinez, verdadeiro «isolador» eléctrico, visto que uma corrente de sete mil vóltios passava através do seu corpo, como se fôsse aragem leve e acariciante...

Semelhante descarga pode dar origem a consequências estranhas. Como exemplo, cita um menino espanhol que estava no campo com seu pai e foi ferido por um raio, em dia de grande trovoadas. O pai morreu electrocutado e o filho apenas desmaiou. Quando, porém, recuperou os sentidos, via através dos corpos opacos, como se verificou experimentalmente.

Uma camponesa de Devonshire teve certa enfermidade incompreensível para os médicos. Como não podia falar, pediu, por meio de sinais, que lhe dessem uma ardósia e um lápis. Em seguida, escreveu alguns caracteres que ninguém conseguiu decifrar. Julgaram que se tratava dum idioma desconhecido, mas de pressa notaram que a rapariga, desde aquela doença, escrevia ao contrário e nunca conseguiu escrever doutra maneira. Quando o médico lhe pediu

que escrevesse a palavra «policeman», escreveu «namecilop» e ficou muito admirada da surpresa dos assistentes.

O mistério da italiana «luminosa» também não chegou a ser esclarecido. Esta mulher emitia luz azul, quando estava deitada. Apesar de se ver claramente essa luz, com as lâmpadas apagadas, os homens de ciência jamais conseguiram fotografar o fenómeno. A luz era visível a olho nu, mas a placa sensível não a registava.

Um dos mais recentes e profundos enigmas da ciência é o apresentado por uma menina de doze anos, chamada Ilga Kirps, de Riga, que, incapaz de ler um livro, lia facilmente o pensamento. Repetia qualquer coisa que outra pessoa lera em silêncio, instalada na mesma habitação, embora fôsse difícil o tema da leitura. Lia as palavras estrangeiras com a mesma acentuação das pessoas que estavam a ler.

A propósito, vamos contar um caso igualmente espantoso e que publicámos há dez anos numa revista da especialidade, sendo possível que alguns leitores se lembrem dele.

Os jornais do Rio Grande do Sul inseriram uma notícia muito curiosa acerca dum estudante de medicina que vivia nos subúrbios do Rio de Janeiro. Vinha assinada pelo Dr. Luiz Wiedman, médico e secretário da Sociedade de Psicologia e que ficou admirado de ouvir apregoar a um vendedor de jornais:

— ¡Olha o homem que faz diagnósticos a mil léguas de distância!...

Comprando o jornal, leu com espanto: «Luiz Barros Torres, académico de medicina, residente em Ramos, subúrbio do Rio, há muito que tem o dom de ver à distância. Concentrando-se, o futuro médico empalidece e, dois minutos depois, diz tudo o que se está a passar em nossa casa, embora esta fique situada a enorme distância. Há cerca de um ano, Luiz Torres começou a fazer diagnósticos e a indicar tratamento. Diz que faz tais diagnósticos, não baseado em fenómenos telepáticos, mas na faculdade que possui de ver através de florestas, montanhas, corpos de animais, de homens, etc.

No dia seguinte, o Dr. Wiedmann visitou o estudante, na companhia dos d^{rs}. Sá Pinto, Ernesto Varela e Luiz Godoy. Foram recebidos por um rapaz de 30 anos, moreno, baixo, magro e imberbe. Era o estudante a que aludia a notícia.

— Não dou consulta a ninguém — disse ele, ao ser interpelado. Não me é permitido, nem quero explorar uma faculdade que Deus me deu. Apenas respondo a algumas cartas, quando vejo que se trata de caso sério. E isso mesmo...

Quando lhe disseram que eram médicos, prontificou-se logo a fazer uma experiência. Concentrou-se e debruçou-se sobre a mesa. Depois, exclamou:

— Fala-lhes a minha alma, que tem o poder de abandonar o corpo e viajar com a velocidade da luz.

— Então, — disse o dr. Wiedmann — veja se os meus órgãos estão perfeitos.

Luiz Tôrres fez um esforço e respondeu:

— Vejo os seus órgãos muito melhor do que através duma radiografia. A sua vesícula biliar tem um cálculo. O seu ventrículo esquerdo está dilatado, em virtude de insuficiência das sigmóides aórticas.

O dr. ficou pasmado. Depois, coube a vez ao dr. Godoy.

— Vá a Porto Alegre — disse êle — ver se minha irmã está boa.

E deu a rua e o número da casa. Dois minutos mais tarde, veio a resposta:

— Sua irmã não está em casa. Vejo lá uma criada e uma menina loira, com cicatriz na testa.

— É minha sobrinha! — exclamou estupefacto, o dr. Godoy — Ela tem alguma coisa?

— Tem anginas e o engraçado é que o médico trata-a de amigdalite banal. Se não tomar ainda hoje o soro anti-diftérico, morrerá amanhã de manhã.

O dr. Godoy ficou aflitíssimo e quis retirar-se. Mas os drs. Wiedmann e Varela pediram-lhe que esperasse.

— Sr. Barros, — disse o dr. Varela — estamos satisfeitos. Só queria que me dissesse como passa minha mãe no Hotel de Garanhuns, Estado de Pernambuco.

— Num hotel próximo da Estação? Como se chama sua mãe?

— Chama-se Hortênsia e está no hotel Mota, perto da Estação.

O estudante fez uma pausa.

— Sua mãe está em preparativos de embarque. Além do sofrimento antigo — ovarite e insuficiência pulmonar — tem uma hérnia recente que estrangulará dentro de quatro dias. Convém operá-la.

Em face do que tinha ouvido, os médicos resolveram sair, agradecendo a demonstração que lhes fôra feita.

E o dr. Wiedmann conclui assim o artigo:

«No mesmo dia fui ao hospital onde presto serviço e submeti-me a exame radiológico e electro-cardiográfico. Tenho, de facto, um cálculo na vesícula, dilatação do ventrículo esquerdo e insuficiência das sigmóides aórticas. O que êle disse ao dr. Varela foi confirmado. A sobrinha do dr. Godoy morreu no dia seguinte ao das anginas, por erro do médico que a tratava, Qual será, pois, a causa destes dons tão poderosos e tão raros? A natureza tem os seus segredos. Muitos outros médicos e estudantes de medicina verificaram o caso. Barros Tôrres e todos são unânimes em afirmar que *diagnostica e cura qualquer* moléstia a milhares de quilómetros de distância dos enfe-

mos, bastando-lhe o nome e o endereço do interessado».

Por enquanto, todos estes fenómenos são inexplicáveis, não obstante os esforços da ciência em desvendar tantos e tantos mistérios indognoscíveis.

Fotografia psíquica

The Greater World, de Londres, tem publicado muitos artigos acerca de fotografia espirita. Uma das mais interessantes e sugestivas foi reproduzida na sua edição de 20 de Agosto de 1938 e obtida pelo médium E. T. Evans, de Swindon. É a fotografia da senhora E. Hobbs, da mesma localidade. Em carta dirigida



FOTOGRAFIA DA SENHORA HOBBS, VENDO-SE ALI UM «EXTRA». É O ESPÍRITO DE SEU PAI

àquela revista, a senhora Hobbs diz que o médium lhe era quasi desconhecido e nada sabia a respeito da família da fotografada. Ali se vê um «extra» que a mesma senhora afirma ser de seu pai, o qual auxilia o grupo espirita da filha, dando-lhe directrizes e amparo.

Segundo a mesma revista, muitas teorias têm sido aventadas para explicar os processos usados pelos espíritos na produção destas fotografias, mas o fenómeno permanece, mais ou menos, em mistério. Não há comunicações que resolvam, materialmente, o problema.

O antigo médium Robert Bournsnel viu frequentes vezes os espíritos que iam aparecer na chapa. De facto, em muitas ocasiões, ele só abria a objectiva, quando a entidade estava completamente «construída».

Com outros *fotos* psíquicos, as vibrações são diferentes. Há médiuns que têm visto espíritos amigos em torno deles, durante a sessão, sentindo um deles a querer manifestar-se, só para demonstrar que o «extra» era de qualquer outro que não tinha sido visto claramente. Uma coisa, porém, é certa: o retrato psíquico deve ser produzido no éter e projectado na placa sensível, em virtude de *emanações* para nós desconhecidas. Mas este processo só pode ser operado na presença dum médium que auxilie a força que vem do Alto, destinada à obtenção do fenómeno.

Provas da reencarnação

O problema reencarnacionista tem sido estudado por muitos sábios e experimentadores de nomeada, do oriente e do ocidente; e tão convincentes são as provas apresentadas em abôno da teoria, que os adeptos aumentam constantemente, a ponto de constituírem verdadeira legião.

O engenheiro francês Gabriel Delanne foi um dos que mais profundamente estudou o assunto, no seu livro «A Reencarnação», traduzido em muitas línguas e editado em português pela Federação Espírita Brasileira.

O Dr. Gustave Geley também se dedicou a este problema. O seu depoimento, no inquérito do Dr. Innocenzo Calderone, acerca da reencarnação, é qualquer coisa de notável e coloca o antigo director do Instituto Metapsíquico Internacional numa posição de verdadeiro equilíbrio científico.

O *Reformador*, de Outubro de 1941, publicou um artigo de Cristiano Agarida, subordinado ao título desta nótula e que vamos transcrever, na parte referente ao fenómeno observado.

Depois de falar da reencarnação e dum primo que, aos cinco anos de idade, relatava coisas referentes à sua família anterior, escreve:

«Trata-se duma renhorita de 23 anos e a quem chamaremos Helena, filha do nosso amigo relator, cuja esposa ainda vive e goza de boa memória. Chamamos Francisco e Aída aos pais da jovem. Médico, o nosso amigo e sua esposa assistiram à morte duma pessoa muito querida, madrinha dum filho do casal, vitimada por tuberculose da laringe. Já nas vascas da agonia, falando penosamente, a moribunda prometeu à comadre que, ao cabo de dez meses, renasceria como sua filha.

— «Sei que vou morrer — disse ela —, mas prepara-te para me receber como tua filha, daqui a dez meses.

— «É possível, — retorquiu Aída —, Mas de que modo poderemos verificar a verdade de tudo o que ocorrer? Como reconheceremos que tu e minha filha sereis a mesma personagem?

— «Quando a menina puder falar, ela te contará muitas coisas da minha vida actual.

«Morre a comadre e dez meses depois nasce Helena que, aos dois anos e meio de idade, começa a contar espontaneamente coisas da sua vida anterior. Dirige-se a sua irmã Carlota, que nada sabia da promessa da morta, e diz-lhe:

— «Quando eu era grande e tu eras pequena, muitas vezes eu carregava contigo, Lota.

— «Quando tu eras grande? — interrogou Carlota, rindo.

— «Naquele tempo, eu não morava aqui. Morava lá longe, onde há muitas vacas e muitos bois e laranjeiras e animais parecendo cabras.

«Era uma boa descrição da residência dos pais da morta, a 20 quilómetros da casa dos meus amigos. Ao chegarem a casa, Carlota conta ao pai as estranhas idéias da irmãzinha.

— «Minha filhinha, — diz o pai, dirigindo-se a Helena — eu nunca morei lá onde indicas.

— «É; mas naquele tempo eu tinha outro pai, — respondeu a pequena.

«Outra irmãzinha, zombando, pergunta:

— «E tinhas lá uma negrinha, como esta que nós temos? (Referia-se a uma pretinha órfã, recolhida pelos meus amigos como filha adoptiva).

«Helena não se embarça e responde:

— «Não. A nossa negrinha já era grande, já cozinhava; mas nós tínhamos um negro pequeno e quando ele não trazia água, papai batia nele.

— «Nunca bati em negro algum, minha filhinha — observa o meu amigo.

— «Mas era o outro meu pai quem batia — responde Helena.

— «E depois que acontecia? — pergunta Francisco, o meu amigo.

— «Ele me gritava: — «Sinhazinha me acuda! e eu pedia a papai e ele não batia mais e o negrinho corria e ia buscar água na fonte.

— «Ele apanhava a água no rio? — interroga Francisco.

— «Não; lá não tinha rio; ele ia à fonte.

— «Quem era Sinhá, ou Sinhazinha?

— «Era eu mesma.

«Outra criança pergunta:

— «Teu nome era Sinhá?

(Realmente a família dava a Helena, na encarnação anterior, o nome íntimo de Sinhá).

— «Era, mas eu tinha ainda outro nome. Chamava-me Helena e mais outro de que me não lembro.

«Além destes diálogos, toda a actividade intelectual da criança revelava a amiga morta. Lembrava-se

Noticiário

Jornais e revistas

Entraram na nossa redacção os seguintes jornais e revistas, com os quais gostosamente permutamos:

Além, do Porto; *Luz e Caridade*, de Braga; *A Rosacruz*, de Leiria; *Comércio de Leixões*, de Matosinhos; *Vítimas da Guerra*, de Lisboa; *Região de Leiria*, de Leiria; *Vida Mundial*, de Lisboa; *Gazeta do Sul*, de Montijo; *Traz-os-Montes*, de Lisboa.

Região de Leiria continua a publicar uma secção permanente de factos espíritas, contribuindo assim para a difusão da Doutrina, que vai grangeando adeptos em todas as camadas sociais. *Vida Mundial* é o magnífico semanário de actualidades internacionais, superiormente dirigido por José Cândido Godinho, temperamento jornalístico de elevada intuição e cuja tenacidade é a razão de ser da sua obra.

Também nos visitaram os seguintes colegas estrangeiros:

Psychic News, semanário londrino, dirigido por Maurice Barbanell; *Constância*, de Buenos Aires, órgão da associação espírita do mesmo nome; *Cristianismo e Revelación*, igualmente de Buenos Aires; *Evolución*, órgão do «Centro León Denis», de Barquisi-

de ter morrido, de haver sofrido muita dor de garganta, de haver dormido num rancho, onde apanhou um resfriamento que acabou por vitimá-la.

«Certa feita, perguntou, abruptamente, ao afilhado da morta:

— «Carlos: ¿que fizeste das duas vacas que te deixei, quando eu era Sinhá?

«Doutra vez, vendo o silhão de sua mãe, exclamou:

— «Este silhão é igual ao que eu tinha, quando eu era Sinhá.

«Na verdade, os dois silhões eram iguais e haviam sido comprados no mesmo dia.

«Durante três anos e sete meses, Helena falava acerca da sua vida, quando era Sinhá. Reconheceu uma afilhada da morta e disse, sem hesitação:

— «Tu eras minha afilhada».

Após algumas considerações a respeito da comunicação com os chamados mortos, o autor termina o artigo com os seguintes parágrafos:

«Um só caso de reencarnação, nítido e indiscutível como esse ocorrido em família amiga, lança por terra todos os sofismas seculares de filósofos negativistas». «Felizmente, a reencarnação não será demolida pelos discursos errados dos homens. Contra factos, não há argumentos».

meto, Venezuela. Continuam a faltar os jornais brasileiros.

A todos, os nossos cumprimentos de afectuosa camaradagem.

Ecos da Imprensa Espírita

Psychic News de 8 de Novembro publica um editorial intitulado «Roses for an overcoat» e que poderíamos traduzir por «Aparências que iludem».

Vamos extrair d'ele alguns parágrafos. A questão ali apresentada é familiar a toda a gente. Todos nós devemos ter meditado nela, uma vez ou outra, na nossa peregrinação terrestre...

Você não é o seu corpo. Quando a morte chega, já o corpo tem cumprido o seu dever. E pomo-lo de lado, como se faz a um sobretudo. Mas o seu verdadeiro «eu» continua a viver como ser espiritual. Está provado que você sobrevive como espírito.

A morte não o transforma em espírito. Você foi sempre espírito.

Você não é o seu corpo. Você não é os músculos, o sangue, os tendões, as células e os ossos. Você não é o coração, os pulmões, os braços e as pernas. O rosto que você vê no espelho não é você. Você é o seu corpo, como o piano é o pianista, o dactilógrafo a máquina de escrever ou a pena o escritor. A destruição do piano não significa a destruição do pianista.

O segredo da vida não está nos materiais constitutivos do seu corpo. Se os cientistas têm poder para reunir esses materiais, não o tiveram para criar um ser vivo.

A vida é espiritual, não é material. Todavia, há milhões de pessoas que ainda não verificaram esta verdade fundamental.

«Como está você?» — pergunta-lhe um amigo —. «Estou constipado» — é a sua única resposta. Você não está constipado; o seu corpo é que está. Parece ridículo, mas é verdade. Você não pode sofrer constipações. Você não está sujeito a achaques, mal-estar ou enfermidades.

Inúmeras pessoas visitam os cemitérios, julgando que ali estão os seus entes queridos. — «Não visite a minha sepultura» — disse uma vez Raymond a seu pai —. Eu nunca estive na sepultura». Por isso o famoso cientista (refere-se a *Oliver Lodge*) nunca visitou o lugar onde o corpo de seu filho estava enterrado.

Inúmeras pessoas colocam flores nas sepulturas, perpetuando a crença de que os desaparecidos estão debaixo da terra. Devíamos olhar com piedade para a mulher que, após a desencarnação do marido, lhe pegou no sobretudo e o cobriu de rosas, rodeando-lhe os sapatos de crisântemos e miosótis para estabelecer um laço entre o «defunto» e a viúva. Nem sobretudo,

nem sapatos, nem coisa alguma já pertence ao marido, nem mesmo o corpo que jaz na sepultura. ¿Para que perpetuar essa inútil superstição?»

Grupo de curas «Reper Siam»

Está tomando enorme incremento o Grupo de Curas «Reper-Siam», devido à afluência de doentes desenganados da medicina que se acolhem ao Centro, na esperança de obter alívio para seus males. Em virtude deste estado de coisas, somos obrigados a desdobrá-lo, para não termos de recusar assistência a tantas almas que anseiam pela normalização das suas faculdades físicas e psíquicas. Assim, daqui para o futuro, passará a funcionar também às terças-feiras, à mesma hora (21,30).

Caixa de propaganda

Um irmão	2\$00
Antônio Joaquim Gomes, de Cabaços	35\$00
Grupo Allan Kardec	10\$00
SOMA	47\$00

Auxílio a «Estudos Psíquicos»

D. Maria Margarida Soares, de S.

Tiago de Castelões 20\$00

A uns e outros subscritores, agradecemos os donativos que nos foram enviados.

As nossas conferências

Nos meses de Janeiro, Fevereiro e Março últimos, realizaram-se as conferências indicadas nos respectivos programas e que atraíram muitos confrades à sede do Centro.

Relevamos o facto duma dessas conferências («Espiritismo e Teosofia») ter sido realizada pela senhora D. Yvone de Sousa e cuja primeira parte vai publicada noutro lugar deste número. A nossa prestante colaboradora soube expor o assunto com elevação e propriedade, pelo que merece os nossos agradecimentos, bem como os restantes conferentes.

Extra programa, realizou uma conferência em 26 de Março o nosso confrade sr. Fernando da Cruz Ferreira, a qual foi de-veras concorrida. Falou acerca de «O Evangelho do Cristo» e mais uma vez demonstrou o cunho moral que imprime a todas as suas obras doutrinárias.

Em virtude da escassez do espaço, não podemos fazer maior referência aos trabalhos realizados neste Centro, do que pedimos desculpa aos leitores.

Allan Kardec

Em 29 de Março realizou-se na nossa sede uma sessão solene comemorativa da desencarnação do grande Mestre Allan Kardec, na qual falaram os seguintes confrades: Coronel Faure da Rosa, Isidoro Duarte Santos, Manuel Tavares, Joaquim Estêvão Rodrigues e Eduardo Fernandes de Matos.

Cada um apreciou a obra kardeciana debaixo de

aspecto especial, tendo-se seguido uma sessão experimental, a cargo dos grupos «Allan Kardec» e «Joana de Arc».

Sociedade Espirita de Lagos

Como prometemos no número anterior, damos hoje alguns pormenores acerca desta Sociedade Espirita que trabalhou durante muito tempo com carácter particular, antes de entrar nesta nova fase, em virtude do aumento constante de associados.

Segundo informação do nosso amigo José Narciso Vieira, o respectivo alvará acaba de ser passado pelo Governo Civil de Faro.

A Sociedade tem por fim estudar o Espiritismo, sob o ponto de vista religioso, por não dispor, actualmente, de elementos com capacidade para o seu estudo científico. Objectiva, igualmente, a propaganda evangélica à luz do Espiritismo e o exercício da caridade que os seus recursos permitirem.

Tem realizado também algumas curas psíquicas.

A sua sede provisória é na Travessa do Paço, Lagos, mas estuda o problema da sede definitiva.

Direcção

Presidente — José Narciso Vieira

Vice-Presidente — António da Conceição Santos.

Tesoureiro — José João Matias Baptista.

Assembleia Geral

Presidente — Albertino Paula Santos.

1.º secretário — Raul de Sousa Fonseca Castelo Branco.

2.º secretário — António J. Gonçalves.

À nova associação, apresentamos os nossos cumprimentos, com votos de progresso espiritual.

Programa dos trabalhos do Centro nos meses de Maio e Junho de 1942

Dia 10 de Maio, às 16 horas — Sessão experimental.

Dia 17 de Maio, às 18 horas — Conferência do coronel Faure da Rosa, no Cinema Condes, intitulada «A metapsíquica e o Espiritismo à luz dos Factos».

Dia 24 de Maio, às 16 horas — Conferência pelo Dr. Fred, intitulada: «Espiritismo Místico ou Científico?»

Dia 31 de Maio, às 16 horas — Sessão experimental, a cargo do grupo *Allan Kardec*.

Dia 7 de Junho, às 16 horas — Sessão experimental.

Dia 14 de Junho, às 16 horas — Palestra pelo coronel Faure da Rosa, intitulada: «Fenómenos Espiritóides».

Dia 21 de Junho, às 16 horas — Sessão experimental.

Dia 28 de Junho, às 16 horas — Sessão experimental, a cargo do grupo *Allan Kardec*.

Dia 5 de Julho, às 16 horas — Conferência pela Ex.^{ma} Sr.^a D. Yvone de Sousa, intitulada «O Espiritismo, emancipador da mulher».